

Dr. A. A. MARTINS VELHO

---

# O Espiritismo Contemporâneo

Considerado como Ciência  
Positiva e Experimental

---

**Sua Demonstração Rigorosa,  
Teoria e Prática**



LISBOA  
LIVRARIA CLASSICA EDITORA  
DE A. M. TEIXEIRA  
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17  
1915







**O Espiritismo Contemporâneo**







Dr. A. A. MARTINS VELHO

---

# O Espiritismo Contemporâneo

CONSIDERADO COMO CIÊNCIA  
POSITIVA E EXPERIMENTAL

---

**Sua Demonstração Rigorosa,  
Teoria e Prática**



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1915



DO MESMO AUTOR:

ESTUDOS SOBRE O ORIENTE, 1 vol. (exgotado).

LIÇÕES DA LÍNGUA FRANCESA, 1 vol. (exgotado).

O MAGNETISMO, 1 vol., 300 réis.

A ENTRAR NO PRELO:

CREPUSCULARES, 1.<sup>a</sup> parte (Contos em prosa).

CREPUSCULARES, 2.<sup>a</sup> parte (Poesias diversas).



A D. GENOVEVA TEIXEIRA MARTINS VELHO

*Querida Espôsa:*

*A ti, que tantas vezes assististe à confecção deste livro, e me incitaste a prosseguir neste trabalho até à sua conclusão, presto aqui homenagem, dedicando-to.*

*Praza a Deus que êle possa, de algum modo, contribuir para a tua felicidade, tanto ou mais do que a doutrina, que êle encerra, tem contribuído para a minha.*

*É êste o mais ardente voto do*

*teu marido estremoso,*

*Martins Velho.*







# O ESPIRITISMO

---

## DUAS PALAVRAS PRELIMINARES

---

Fala-se muito lá fora no Espiritismo, estuda-se, discute-se acaloradamente o seu valor; e apesar disso entre nós êle é *quási uma doutrina secreta*, partilhada por algumas centenas de adeptos, que, receosos da zombaria dos seus conterrâneos, só em família se atrevem a confessar-se partidários de tal doutrina.

E todavia a verdade é que é êle um conjunto de doutrinas scientificas, profundamente elevadas, doutrinas que se apoiam em numerosíssimos factos observados e estudados com todo o rigor dos métodos experimentais pelos sábios mais conspícuos da Europa e da América.

Físicos, químicos, astrónomos, fisiologistas, médicos, jurisconsultos, antropólogos e homens de letras, do velho e do novo continente, forçados pela evidência dos factos, teem, ás dúzias, renegado as suas antigas teorias e crenças scientificas para abraçarem com resolução e firmeza



inabalável as doutrinas do Espiritismo. E êsses homens notáveis, tanto pelo seu talento como pela austeridade do seu carácter, não se contentam com abraçar a nova doutrina, vão mais longe, tornam-se os seus mais estrénuos propagandistas, publicando livros preciosos, que hoje constituem já uma bibliografia importantíssima.

E' que o Espiritismo é hoje uma sciência positiva e experimental, a base fundamental da Biologia, por isso que estuda precisamente as origens da Vida.

E' êle a bússola que mais proveitosamente nos pode guiar na vida, e que nos dá a orientação mais segura da felicidade, e a chave preciosa dos maiores problemas que affectam a espécie humana.

Se bem que as suas doutrinas possam, com vantagem, substituir mais tarde as diversas religiões, que só servem para desunir os homens, o Espiritismo não é no fundo uma religião, pois que não se estriba na fé, mas sim na convicção, não tem culto, nem dogmas, nem mistérios, nem crê no sobrenatural, pois tudo nêle se explica por leis naturais, embora desconhecidas do vulgo.

Vulgarizar por isso esta ordem de conhecimentos, que tanto interessam ao nosso bem estar terreno e à nossa felicidade futura, é *um dever imperioso*.



Tal é a razão que nos levou a escrever este livro de mera vulgarização.

Se êle puder levar consolações a alguns desgraçados, e fazer desabrochar o suavíssimo clarão de esperança no seu coração magoado, dar-nos hemos por felizes, e recompensados do nosso trabalho.

Lisboa, Setembro de 1915.

O Autor.







# O ESPIRITISMO

---

## NOÇÕES PRELIMINARES

### I

## A Neo-Psicologia

(TEORIA)

De longe vem, é certo, a luta travada entre a escola filosófica espiritualista e a materialista: pois que, se compulsarmos os monumentos literários das mais velhas civilizações orientais, iremos encontrar no velho Hindustão a prova evidente da existência ali das duas escolas filosóficas, desenvolvendo-se quasi paralelamente.

E, tanto assim que nêsse país, berço fecundo da mais poderosa civilização antiga, lado a lado da escola espiritualista, floresceram também os princípios em que se apoia hoje o materialismo moderno.

Da mesma forma que o materialismo greco-romano tem as suas raízes mais fundas nos filósofos *neantistas* do velho Hindustão, assim também os materialistas do século XVIII foram



buscar a sua genealogia às escolas filosóficas da Grécia e Roma.

Há, porém, uma diferença fundamental entre os processos de propaganda científica e doutrinária dos tempos antigos, e a adoptada nos que se seguiram à Meia Idade.

A sciência antiga tinha os seus focos de irradiação nos templos mais notáveis da antiguidade; e o seu *modus docendi* fazia-se por *iniciação hierárquica* e sob a capa do mais *rigoroso sigilo*.

Desta sorte os conhecimentos scientificos eram *gradualmente* ministrados aos *adeptos*, que ascendiam em graduação hierárquica conforme o seu merecimento e aptidões. A *iniciação completa* ou grande iniciação ficava sendo privilégio dos chefes supremos.

É assim que os *Magos* na Caldeia e na Pérsia, os *Mahatmas* ou Grandes Bramanes no Hindustão, e os *Hierofantas* no Egipto se tornaram, pelo seu assombroso poder, os directores supremos dêsses povos.

Desta sorte foi das criptas monumentais dos grandes pagodes do Thibet e dos montes do nevoso Himálaia, e dos vastíssimos hipogeus do país do Nilo, que, em épocas diversas saíram numerosos *iniciados* que espalhando-se pela Europa, fundaram aqui e além diversos sistemas religiosos, que estadearam o seu poder miracu-



loso nos grandes santuários de Delfos, de Cumas e outros.

Foi dêsses centros iniciadores primários e secundários que saíram os iniciados e grandes taumaturgos da antiguidade e da meia idade, como foram Moisés, Jesus, Apolônio de Tiana, Simão o Mágico, Paracelso e os grandes alquimistas.

Todos êles mantinham o segrêdo dos seus conhecimentos, ou pelo silêncio absoluto a tal respeito, ou empregando nos seus livros uma linguagem convencional e figurada, que só podia ser compreendida pelos *iniciados*.

Daqui veio o designarem-se pelo qualificativo de *ocultas* as sciências que só eram conhecidas pelos *adeptos* dos diversos graus.

Actualmente, porêm, essas reservas e êsses sigilos cessaram; pois que hoje essas sciências são *sómente ocultas* para os que não as querem estudar com pertinácia e com dedicação.

E' todavia certo que, se todos os homens medianamente ilustrados podem ter umas ligeiras noções de sciências ocultas, bem poucos as podem obter num grau *intensivo*; já porque a sua aquisição demanda preliminarmente conhecimentos scientificos intensos e enciclopédicos, já porque ao entrar nêsse estudo é mister pôr de parte todos e quaisquer *preconceitos filosóficos ou religiosos* anteriormente adquiridos.



Não quiere isto dizer que as sciências ocultas combatam ou repilam o sentimento religioso; antes pelo contrário o estudo intenso do ocultismo transforma a religiosidade, que tão só dimanava da fé, numa *convicção indestructível*, que tem a sua base perdurável na *razão* apoiada pela *experiência*.

O ocultismo, abrangendo todo o complexo dos conhecimentos humanos mais transcendentes, leva o espírito do homem, por uma lógica irresistível, a abraçar convicto a teoria espiritualista.

Mas o espiritualismo científico moderno, baseado sólidamente na experiência e nas teorias ocultistas, se por um lado repele e combate por *insuficiente* a doutrina dos positivistas e materialistas antigos e modernos, por outro lado nada tem de comum com o espiritualismo *abstracto* e *vão* da velha escolástica medieval.

A nosso ver as duas expressões — *espírito* e *matéria* deveriam ser banidas da linguagem filosófica, como traduzindo *ideias falsas*.

Em vez delas, nós empregariamos apenas a expressão *substância*, para designar a *essência das cousas*, a que vulgarmente se dá o nome de — *espírito*, e apelidariamos — *forma* o que habitualmente chamamos *matéria*.

Teríamos assim — a *substância* abrangendo a totalidade dos seres. A *fôrça* designaria a su-



*bstância* num estado de *dinamização* maior ou menor, e a *forma* significaria a *substância* mais ou menos *condensada*.

Desta sorte acabaria toda a divergência entre materialistas e espiritualistas, porque a matéria e o espírito passariam a ser simples *modalidades* ou *estados* da *substância*.

Mas, como as cousas são *o que são*, e não o que *deveram ser*, nós teremos, para ser compreendidos, de continuar a empregar a velha terminologia, o que aliás para nós é indiferente, depois de havermos expendido o nosso modo de ver a propósito do sentido a dar às palavras *espírito* e *matéria*.

\*

\*      \*

As mais recentes aquisições no domínio das sciências levam-nos à convicção de que *matéria* e *espírito* coexistem inseparavelmente em todos os seres do universo, (desde a *molécula mineral* até ao ser mais perfeito da criação), e são orientados pela lei suprema — a *progressão indefinida dos seres*.

A evolução progressiva das espécies, reconhecida e proclamada por Lamarck e Darwin no mundo físico, é um facto que os espiritualistas *de boa fé* não podem pôr em dúvida.



Mas essa evolução *limitada ao campo físico é insuficiente* por ilógica. Ela dá-se simultaneamente no mundo físico e no psíquico, e prossegue mesmo depois da desagregação da matéria que se chama *morte*.

No degrau mais ínfimo da escala dos seres a *alma* é apenas *um simples elemento de vida*, uma inteligência *em potência*, que se limita a associar e manter as moléculas minerais *numa forma* definida.

A ciência dá a essa fôrça, assim limitada, os nomes de *afinidade* e *coesão*.

No degrau mais elevado da escala animal a alma é a um tempo *princípio de vida* e *princípio consciente* e *livre*. Daí resulta a personalidade e identidade humana.

O velho espiritualismo filosófico e religioso sustentou sempre como princípio básico da sua doutrina — a *imortalidade* do espírito humano. Mas, diga-se a verdade, a imortalidade tal como a concebiam e ensinavam as diversas religiões era bem pouco lógica e sensata, bem pouco justa. E daí resultou o descrédito em que vieram a cair as doutrinas espiritualistas.

Felizmente, porém, os estudos persistentes e as observações repetidas feitas nos últimos sessenta anos por numerosíssimos sábios da Europa e da América vieram dar-nos a *demonstração visível* e em certos casos *mesmo palpável* e



*ponderável* de que — *aquilo* que constitui *essencialmente* o homem não é o *corpo físico*, que a morte *desagrega e dissolve*; mas uma substância *imponderável e invisível*, a que se convencionou chamar — *espírito*.

Essas experiências, feitas *centenares de vezes* por conspícuos observadores de todos os países, demonstraram, por uma forma iniludível, que *êsse quid misterioso* sôbre o qual *a morte não tem poder, continua a viver* num outro meio, podendo, em condições determinadas, tornar-se *visível e tangível*, reconstituindo, pela adjunção temporária de moléculas materiais, hauridas no meio ambiente, *um novo corpo*, cópia fiel daquele que a morte desagregou.

Êsses observadores, de cujos estudos resultou a constituição duma *nova sciência positiva* — o *neo-espiritualismo* ou *espiritismo*, (nome por que é geralmente conhecido) contam-se já às centenas entre os mais conspícuos homens de letras e vultos de sciência mais conhecidos da Inglaterra, França, Estados-Unidos, Itália, Alemanha e Rússia.

Encheríamos muitas páginas se tivéssemos a pretensão de citar os nomes da maioria dêles. Não o faremos por certo; bastando dizer que na Inglaterra destacam-se entre os primeiros o sábio William Crookes, físico, químico e astrónomo eminente, o naturalista A. Russell Wallace, Wil-



liam Gregory, George Sexton, e o electricista Varley.

Em França avultam, entre muitíssimos, os nomes aureolados dos drs. Charles Richet, Conde de Rochas, Paulo Gibier e Flamarion, e entre os homens de letras Victor Hugo e Michelet, Vaquerie, Teófilo Gautier, Victorien Sardou e G. Delanne.

Enfileiram-se na mesma plêiade — na Rússia Aksakoff, Boutlerof e Wagner; na Alemanha o astrónomo Zollner, Fethner, Scheiner e Weber, e na Itália os professores Filaleti, Rossi Pagnoni, Palazzi e os sábios drs. Moroni e o antropólogo César Lombroso.

Apoiando-nos nas observações de tão distintos sábios, e escudado ainda nas próprias observações e experiências, é para nós uma honra seguir na esteira de tão distintos observadores.

E' que o *espiritismo* não é uma *crendice* própria de espíritos fracos; mas um corpo de *doutrinas científicas e positivas*, baseadas em numerosíssimos factos, meticulosamente observados, e nas revelações concordantes de muitos espíritos desincarnados.

Só ignorantes, ou aqueles que, não o sendo, não quiseram todavia estudá-la conscienciosamente, é que hoje se atrevem a combater ou impugnar a doutrina espírita. Mas êsses, embora constituam a grande maioria, nada provam, por-



que lhes falta a *autoridade* para discutir o que *não estudaram*.

O espírita detesta o misticismo e não reconhece o milagre; para êle tudo são *fenómenos naturais*, embora pouco vulgares ou desconhecidos do vulgo.

\*

\*      \*

Os fenômenos observados levam o neo-espiritualista a admitir, como conclusão final, que — a *Vida* é uma *progressão infinda*, uma *cadeia interminável*, cujos elos primeiros se perdem na nebulosidade longínqua do passado, e cujos elos futuros se entrevêm ao longe nas auras radiantes de progressivas transformações.

A *vida humana* no globo que chamamos Terra é apenas uma *página avulsa* do grande livro da Vida; página que seria *incompreensível e absurda mesmo*, se não tivesse as suas origens no passado e a sua lógica seqüência em sucessivas fases de existência futura.

A morte dissolve e separa os elementos materiais do corpo, *mas não os aniquila*; o espírito também *não morre, nem se aniquila*. Como a larva se transforma na crisálida e desta irrompe a irisada mariposa, assim o *espírito se depura e*



*progride* em sucessivas existências, revestindo formas diversas na escala ascencional da vida.

Subindo assim em perfectibilidade, a alma vai animar organismos de mais em mais aperfeiçoados, passando assim por uma série infinda de incarnações e desincarnações. Desta sorte a morte é apenas a *passagem transitória e fatal* de uma para outra incarnação; e as diversas espécies de seres *remontam todos* a uma origem primordial comum.

A progressão das espécies dá-se assim *na parte psíquica* como se dá *na física*.

E, se bem que a memória e recordação das existências anteriores *se apague e dormite* durante cada incarnação, para só reaparecer após a morte, é todavia certo que a alma *guarda intacta a sua individualidade e as aptidões adquiridas*, graças à sua *união indissolúvel* com um organismo *etéreo*, formado por um fluido tenuíssimo, conhecido pelos nomes de *perespírito* ou *corpo astral*.

Quando o ser vivo morre, a *alma* e o seu *perespírito* abandonam o *organismo material*, que já lhes não pode servir, e aguardam temporariamente no espaço o ensejo propício para revestir, por um novo *nascimento*, uma nova forma corpórea, ou neste planeta em que habitamos, ou em outro superior, onde possa prosseguir na sua evolução.



Desta sorte o homem, como todo o ser vivo, é um composto de *três entidades* — uma *alma*, princípio *intelectual e individual*; um *perespírito*, princípio *fisiológico e organizador*, e um *corpo*, princípio material, destinado a pô-lo em contacto directo com o mundo externo.

\*

\* \*

Assim o homem não é, como o pintam os materialistas, um personagem *efémero*, que por uma *fatalidade do destino* nasce príncipe ou carvoeiro, banqueiro ou mendigo, filantropo ou salteador, e que, mais cedo ou mais tarde, vai encontrar no tûmulo, que a todos aguarda, um destino *exactamente igual* — o *aniquilamento* da sua individualidade, *aniquilamento* que seria a *máxima das injustiças* e o *cûmulo dos absurdos!* . . .

Não! pelo contrário o homem é uma *individualidade indestrutível*, que, pelos *seus próprios esforços*, se aperfeiçoa e progride em novas *incarnações*, depurando-se pelo *sofrimento*.

A felicidade não é o privilégio de poucos, mas o quinhão de todos, distribuído a todos segundo os próprios méritos e esforços, e não



dependente da *graça* ou do *capricho* de ninguém.

Assim o pede a justiça, assim o reconhece a razão, assim o afirmam unânimes todos os que, tendo deixado a Terra, vivem actualmente nas regiões do espaço.

### O Corpo

O corpo (nos vegetais e nos animais) é um agregado de *células vivas, independentes entre si*, mas que, em virtude de uma fôrça inteligente e organizadora, se agrupam formando tecidos e órgãos diversos, destinados a produzir funções variadas.

Essa fôrça misteriosa não pode ser a *coesão*, que liga apenas, uns aos outros, átomos da mesma natureza; nem a *afinidade*, que congrega átomos dissimilhantes para constituir a molécula.

A célula é mais do que isso, porque é um *conjunto de moléculas*, que ficam assim constituindo um *organismo rudimentar*.

Qual é a fôrça que *organiza a célula*, qual a que agrupa células de diferentes espécies para constituir os tecidos, qual a que reúne os tecidos para formar órgãos e que agrupa os órgãos para criar a planta ou o animal?



A estas perguntas o fisiologista materialista só pode responder com subterfúgios, que tão só denotam ignorância.

O psicólogo, porém, apoiado na lição dos factos, responde:—essa fôrça *inteligente e organizadora*, (pois que actua sempre segundo um *molde-tipo prestabelecido para cada espécie*) — é aquilo que os espíritas chamam *perespírito* e que os ocultistas denominam *corpo astral*.

### O Perespírito

O *perespírito*, segundo a observação e a lógica demonstram, é uma *substância* de natureza *fluídica*, mais ou menos subtil, conforme as espécies e os indivíduos, composta do *subtractum* dos elementos provenientes das anteriores incarnações, subtilizando-se por isso tanto mais quanto mais elevado se acha o ser na escala da perfectibilidade.

Desta sorte, sintetizando o estado de adiantamento do ser, cujos progressos vai fixando, *êle assegura a conservação da individualidade* em cada incarnação, servindo-lhe de *molde ou matriz* para a sua renovação molècular.

Atraíndo a si, no embrião, as moléculas materiais do meio ambiente, em que se des-



envolve, êle as *agrupa* e *afeiçoa* em harmonia com o *tipo do ser* a que pertence, assegurando assim o desenvolvimento normal do novo ente segundo uma *orientação prestabelecida*.

É o *perespírito* quem *preside e governa* todos os fenómenos fisiológicos da *respiração, alimentação e assimilação* dos alimentos, *extraindo* dêstes quanto possa ser útil a cada órgão, e *eliminando* o que lhe possa ser nocivo.

É êle ainda quem, no indivíduo, mantêm a *identidade consciente do ser*, pois que, sendo um ponto assente em fisiologia, que de sete em sete anos, ou (segundo outros) em período muito mais curto, todas as moléculas do nosso corpo são eliminadas e substituídas por outras novas, é lógico supor que passado êsse período nós não poderíamos ter a consciência *de sermos a mesma pessoa* que éramos no comêço dêsse período de tempo.

E todavia é certo que esta renovação celular *não obsta* a que o homem tenha a *consciência nítida* de que a sua pessoa e os seus órgãos são precisamente os mesmos que eram anteriormente.

É que o *perespírito*, como *fôrça de assimilação unificadora do ser*, substituiu assim pouco e pouco as células eliminadas por novas células *identicamente orientadas*.



\*

\*

\*

Não se julgue, porém, que o *perespírito* esteja sempre como que *encerrado* dentro do ser vivo: muitas vezes êle *irradia* para fora mais ou menos intensamente, segundo o seu grau de pureza e o seu poder irradiante.

Essa *irradiação* manifesta-se visivelmente na *aura* ou *eflúvio ódico* demonstrado por Reichembach, Boirac, Baraduc e Rochas.

Às vezes mesmo o *perespírito* pode separar-se momentâneamente do corpo na sua quási totalidade, dando lugar aos fenómenos da *exteriorização da sensibilidade* e da *motricidade*, ao *sonambulismo lúcido*, à *mediumnidade transcendente*; e ao *desdobramento da personalidade*.

E se nessa viagem psíquica o *perespírito* tem a fôrça precisa para atrair a si moléculas materiais suficientes, pode actuar a distância sobre os objectos externos e *impressionar a vista*, o *ouvido* ou a *chapa fotográfica*.

Tal é o caso de muitas *aparições individuais* ou *colectivas* e os *duplos* de pessoas vivas, que tantas vezes se teem observado. De todos êsses fenómenos falaremos a seu tempo.



## A Alma

Substância subtilíssima por essência, a alma constitui no homem a sua *personalidade*, a sua *verdadeira individualidade*, o seu *Eu indestrutível*. Ela é a *consciência*, manifestando-se sob o tríplice aspecto de *memória*, *inteligência* e *vontade*.

Seja ela embora um princípio activo *simples* na sua constituição, a filosofia considera-a *muito complexa* na sua composição íntima e nas suas manifestações externas.

*Progressiva* por essência, a alma adquire dia a dia qualidades novas, que a enriquecem e depuram, elevando-a na hierarquia ascencional dos seres.

Essas qualidades, que constituem os seus *títulos de nobreza*, proveem :

1.º — Das aquisições realizadas nas suas *anteriores incarnações*.

2.º — Das aquisições efectuadas na *incarnação actual*.

As aquisições realizadas nas vidas anteriores são *arquivadas e conservadas* pelo perespírito; mas só se *patenteiam* durante o tempo em que a alma, privada de corpo material, resume



em si *toda a sua personalidade*. Nêsse estado de desincarnação, a alma *conserva* a memória fiel de todas as suas existências, tendo então a *consciência total* de todos os progressos realizados e das *responsabilidades morais* que contraiu.

Quando, porém, mais tarde, volta a incarnar, como as moléculas que *então* constituem a *parte material* da sua memória não faziam *parte integrante da personalidade* que anteriormente representou, o perespírito, tendo de actuar através dessa *matéria nova*, não pode *recordar-se* nem *reproduzir* factos em que essa matéria *não teve parte*.

Daí resulta que, no nosso estado *normal*, não nos recordamos das nossas existências anteriores, por serem êsses factos alheios à personalidade *actual*.

Mas essa recordação fica *latente*, para só *reaparecer* mais ou menos nítida em certos casos de *profundíssima hipnose*, ou inteiramente nítida durante a desincarnação total.

Mas, embora a *consciência das personalidades anteriores* fique *obliterada* pela adjunção de um *novo corpo*, o que em regra não fica perdido, nem esquecido por completo são as *aquisições e aptidões intellectuais ou artísticas* e as *qualidades morais* conquistadas nas vidas anteriores, aptidões que muitas vezes ressurgem por



uma forma pasmosa no estado infantil, logo que a criança tomou verdadeira e integral posse do seu novo organismo.

Tais são, entre muitos casos menos notórios, essas *crianças prodígios*, que aos 6 ou 7 anos de idade se revelam como músicos distintíssimos, ou como matemáticos consumados. A cada passo se observa que, numa mesma família, que deu a todos os seus filhos *uma mesma educação*, acontece que muitas vezes se destaca um entre os demais pelas suas inclinações viciosas, e todavia os pais são os mesmos, e o meio é perfeitamente idêntico.

Bem sabemos que muitas vezes um espírito scintilante e muito adiantado se acha aliado a um corpo disforme, raquítico ou defeituoso que, em certo modo, o sufoca e esmaga o seu poder expansivo; mas isso não pode explicar essas anomalias morais. Mas pela liberdade moral de que o homem goza, e que é o seu mais belo predicado, a alma pode lutar contra todas as contrariedades do meio ambiente e defeitos do seu organismo físico, e, quer triunfe, quer não, *nessa luta pela perfectibilidade, ou na sua apatia perante essas circunstâncias deprimentes, está o seu mérito ou demérito, está a sua graduação moral no problema do seu futuro.*



\*

\* \*

Assim, pois, a sciência espírita, baseando-se na observação e nos dados científicos mais rigorosos, tem como ponto assente — que a *consciência* normal ou *actual* de qualquer pessoa não encerra *toda a individualidade pensante, toda a personalidade* dêsse indivíduo.

Há mais, muito mais, que *jaz latente* durante o período de cada incarnação, e que só se manifesta *no seu plenário* durante os períodos de existência *meramente psíquica*.

Desta sorte a alma compreende duas partes, ou antes duas fases, — uma *consciente*, que é a *actual*, — outra *inconsciente* ou, melhor, *subconsciente*, que é a que resulta da reminiscência de todas as vidas corpóreas anteriores, reminiscências que o *perespírito guardou* e como que gravou na sua consciência, constituindo assim a *sua consciência total*, o verdadeiro *Eu*.

Essa *consciência total* apenas se revela por vezes na vida *anormal*, isto é, em certos estados do *sono magnético profundo*, no *transe mediúmnico*, ou ainda em certos *estados patológicos*, em que vários elementos da *subconsciência* po-



dem manifestar-se, revestindo por vezes uma das personalidades anteriores.

Essas manifestações *extra-normais* são e serão sempre um *problema insolúvel* para todos os que, alheios às doutrinas do neo-espiritualismo, não admitirem como base fundamental do problema da vida — a *teoria da reencarnação*, ou a *pluralidade das existências da alma* neste e noutros planetas.

Para terminarmos com a exposição sumária da teoria neo-espiritualista na parte que respeita ao momentoso problema da concepção da vida e da composição íntima do ser humano, resta-nos ainda expor o que é a *Morte* segundo a mesma teoria.

### **A Morte**

Terminado o período da vida terrena para determinado indivíduo, a *alma*, envolta no seu *perespírito* ou *corpo astral*, abandona o corpo físico.

Êste, privado da fôrça sintética e organizadora que o dominava e mantinha unido, ficando adstrito unicamente às leis gerais da química, *dissocia-se, decompõe-se* nos seus elementos primordiais, entrando no vasto reservatório da



Natureza, para *ser assimilado* por novos e multiplices seres.

Mas a *alma*, como que atordoada por aquela, muitas vezes brusca, separação, fica geralmente, e durante um período mais ou menos longo, num estado de *perturbação* ou *inconsciência* do seu novo estado e do seu novo meio.

Diferindo extraordinariamente entre si as condições da vida *física* e *psíquica*, e, sendo mui diversas também as condições de perfectibilidade dos diversos desincarnados que comnosco se comunicam, e sendo ainda bastante raras as comunicações de espíritos elevados, não é muito fácil explicar em que consiste êste *estado de perturbação*, porque cada um o pinta melhor ou pior consoante a *sua experiência própria*, que é variável e por vezes contraditória.

Pode todavia ter-se como certo o seguinte:

Na *vida normal* cada um dos cinco sentidos tem um órgão especial que lhe é affecto, e através do qual percebe uma determinada ordem de sensações.

Na *vida psíquica*, porêm, como os órgãos materiais *desapareceram*, a *sensibilidade anímica* acha-se como que condensada em um *sentido único* que se acha espalhado por toda a superficie do *perespírito*.

Na *vida normal* há um conjunto de *faculdades diversas*, — na *vida psíquica* há uma fa-



*culdade única*, uma como que *consciência geral* de todas as *potências* do espírito.

Assim pois na *vida normal* há como que uma *análise*; toda a *potencialidade sensitiva, intelectual e emotiva* da alma decompõe-se em faculdades diversas; — na *vida psíquica* há uma *síntese*, todas as faculdades *se condensam* em uma só.

E como nos desincarnados inferiores o per-espírito é *muito grosseiro*, êstes, *sentindo-se vivos*, tendo a consciência vaga de que *existem*, julgam *viver ainda no meio terreno*, sofrendo por não poderem saciar as suas paixões.

*Vagueiam* por isso invisíveis pelos meios em que viviam, e *sofrem* por não poder gozar como dantes.

O seu estado psíquico torna-se em certo modo *nebuloso*, porque a privação dos antigos órgãos, ao mesmo tempo que se torna um sofrimento de Tântalo, produz nêle um estado de *semi-inconsciência*.

Passada, porém, essa *perturbação*, o espírito como que toma posse de si mesmo, conhece os erros que cometeu e que necessita emendar; e, como todas as suas tendências o arrastam para o mundo material, não tarda em *reincarnar*, revestindo um *novo personagem*, afim de procurar assim a sua reabilitação nessa nova existência.

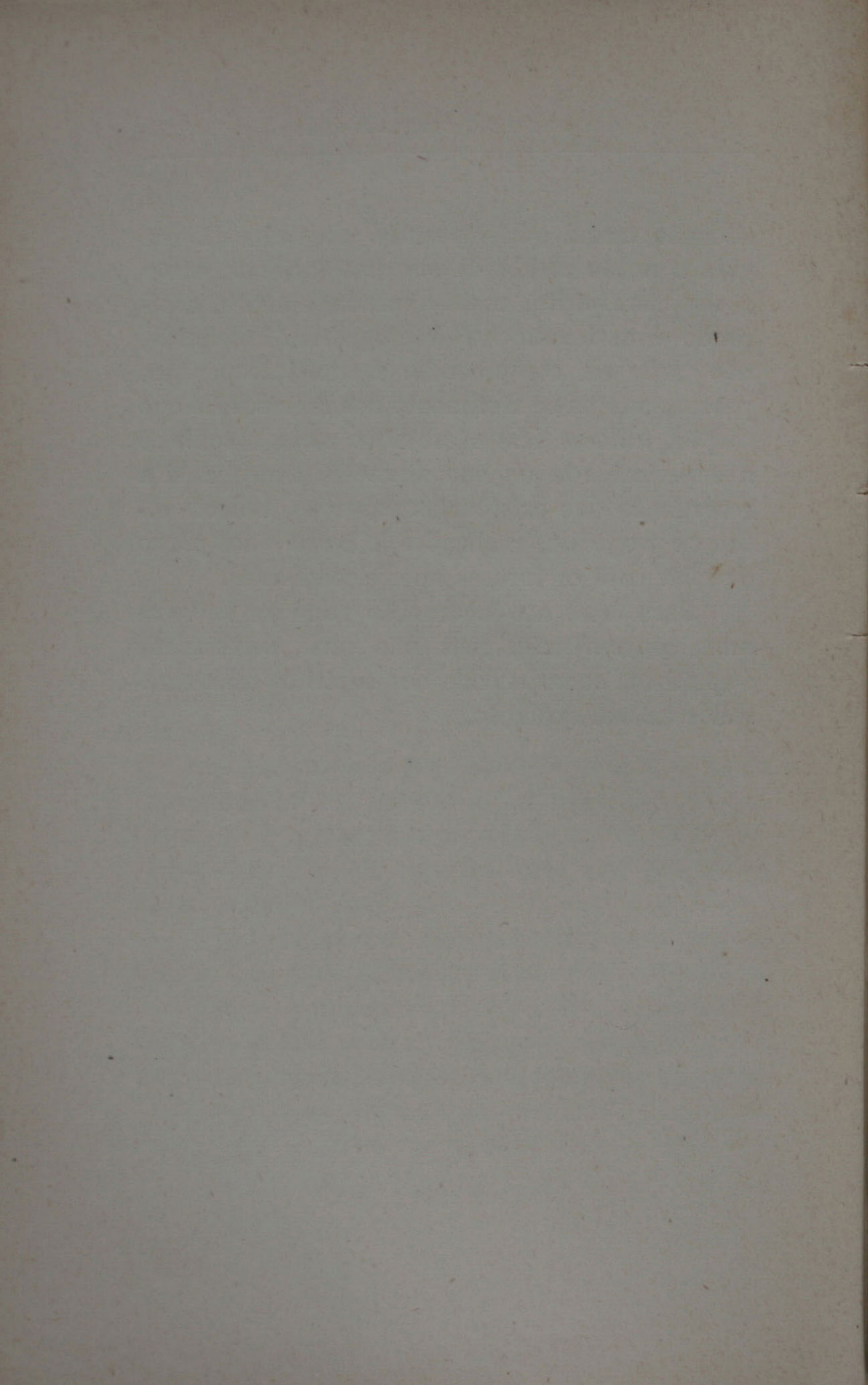
Se, porém, o desincarnado se acha numa



situação moral *mais elevada*, se tinha já em vida a noção nítida da *sua imortalidade*, então o seu perespírito, mais apurado e subtil, aspirando conscientemente à progressão indefinida, não tarda em compreender a transição por que passou, adapta-se facilmente aos recursos de que dispõe, *acha-se bem* nêsse novo meio, reconhece a superioridade da sua situação, avoca a si a recordação das existências passadas, reflecte sobre os progressos realizados, e *traça o seu plano de vida* para os futuros aperfeiçoamentos.

Para êstes a reencarnação pode ser às vezes *uma conveniência*, mas não uma *necessidade imperiosa*, como sucede aos espíritos mais atrasados na sua evolução.







## II

### A Neo-Psicologia

(PROVAS)

Conquanto seja certo que a demonstração cabal de tudo o que afirmámos no capítulo anterior *só pode resultar* de tudo o que houvermos de dizer neste livro, é todavia certo que é conveniente começar desde já apresentando vários elementos de demonstração, embora mais tarde tenhamos de voltar a tratar o mesmo assunto com maior desenvolvimento.

Ora, tendo nós afirmado que o ser humano é um composto de três elementos associados — *corpo, perespírito e alma*, é conveniente tratar desde já de demonstrar — que o *perespírito* ou *corpo astral* não é um produto da fantasia, mas sim *um ser real e quási palpável*.



\*

\* \*

Que em nós existe, como em todos os seres vivos (vegetais e animais), um *fluido aério poderosíssimo, independente e diverso* da parte material do nosso corpo, é hoje fácilimo demonstrar; porque em determinados casos êsse fluido *irradia* do nosso corpo, tornando-se *visível* em certas circunstâncias, e podendo *medir-se e apreciar-se* com diversos aparelhos.

É por isso que êsse fluido é admitido hoje por diversos fisiologistas embora hostis aparentemente às teorias espiritualistas. Assim o barão de Reichembach apelidou-o — *fluido óptico*, outros — *fluido nêurico*, outros — *fôrça psíquica, corpo psíquico*, etc.

Vêm-no numa escuridão completa os indivíduos *sensitivos*, em forma de auréolas luminosas de côres diferentes, irradiando em tórno da cabeça e membros de cada um.

Vêm-no pela mesma forma os *sonâmbulos lúcidos*, e encontram-no as chapas fotográficas (experiências do dr. Baraduc, e outros) <sup>(1)</sup>, que

---

(1) Veja-se o nosso tratado — **O Magnétismo**, pág. 24 e seguintes.



apresentam curiosíssimos exemplares de impressões digitais luminosas e outras de variadas espécies.

Demonstra-se igualmente a existência dêsse fluido aeriforme irradiante nos indivíduos magnetizados, quando atingem o estado de sono denominado — *exteriorização da sensibilidade* (1). Nêste estado o corpo físico do passivo é *totalmente insensível* à dor; porque a sensibilidade irradiou toda para fora do corpo, constituindo em tôrno dêle uma espécie de *casca aérea e invisível*, dotada de uma *hiper-excitabilidade* extrema. Essa *casca* fica a uma distância que varia segundo os indivíduos. Nós tivemos muitas vezes ocasião de a observar num rapaz de 17 anos a uma distância de 12 centímetros, e numa rapariga histérica à distância de um metro. Picado o passivo na carne ou fora do corpo a uma distância qualquer para áquêm ou para além da *casca aeriforme*, não acusa a mínima dor ou sofrimento; mas, se a picada atravessa essa camada sensível, o passivo acusa uma dor violenta na região física correspondente.

Isto mostra que em tôrno do passivo se formou um fantasma aéreo, para onde convergiu toda a sensibilidade, e que esta não reside essen-

---

(1) Vide o mesmo livro, pág. 64 e seguintes.



cialmente na pele, nem nos músculos, nem nos nervos, mas sim e *únicamente* na substância fluidica que abandonou o corpo.

A existência do corpo astral demonstra-se ainda na *aparição de fantasmas*, nos *fenómenos de lucidez sonambúlica* <sup>(1)</sup>, e nos *fenómenos mediúmnicos*; mas de tudo isso nos devemos ocupar mais tarde.

Por isso limitar-nos hemos por agora a descrever um aparelho simples, que qualquer pode construir, por meio do qual se pode medir em graus a *fôrça irradiante* do *perespírito* ou *fluido vital* ou *psíquico*. Aludimos ao *Magnetómetro de Fortin*.

\*

\*      \*

Compõe-se êste aparelho de um cilindro de vidro, fechado superiormente por um prato de vidro, do centro do qual pende um fio de côco de 0<sup>m</sup>,25 de comprimento, não torcido e muito fino, tendo prêsa à parte inferior uma agulha de arame de cobre recozido, prêsa ao fio por uma pequeníssima gôta de goma arábica ou lacre.

---

(1) Vide livro citado, pág. 65, 80 e 146.



Por baixo desta agulha fica horizontalmente colocado um mostrador de cartão dividido em 360°, e ainda por baixo dêste, servindo-lhe de apoio, uma *bobine* de arame de cobre fino, rodeando um pequeno cilindro de vidro.

Coloca-se êste aparelho sôbre uma prancheta triangular, de madeira, instalada no ângulo diedro formado por duas paredes grossas, por forma a evitar as trepidações do aparelho, causadas pelo rodar das carruagens.

O ar ambiente não pode influenciar a agulha, por causa do cilindro de vidro, que encerra o aparelho.

Êste deve ser colocado na meia obscuridade de um quarto interior, por forma que a luz nêsse local não exerça influência alguma no radiómetro de Crookes, e onde o calor solar também não possa chegar directamente, e por forma tal deve ter sido colocado o mostrador, que, no estado de repouso, a agulha deve apontar o zero.

Para se fazerem as observações com êste aparelho coloca-se o observador em frente do aparelho e aproxima dêle, a uma distância de 5 centímetros, os dedos de uma das mãos, reünidos em ponta, tendo o cuidado de não tocar no cilindro de vidro do aparelho.

Passado um tempo maior ou menor, que regula aproximadamente por dois minutos, a agulha desvia-se para a esquerda ou para a di-



reita, parando por fim num determinado grau, que marca a fôrça vital irradiante dessa pessoa. Retirada a mão, a agulha volta ao zero.

Repete-se essa operação por duas ou três vezes com intervalo de 5 minutos, e verifica-se assim que o desvio é sempre sensivelmente o mesmo, o que mostra que êle é devido unicamente à fôrça que emanou dos dedos do observador. Observado assim o valor do desvio e a maneira lenta ou rápida, firme ou intermitente por que êle se executa, obtêm-se assim a *fórmula biométrica* de cada indivíduo.

Esta fórmula é diversa de indivíduo para indivíduo, e no mesmo indivíduo varia alguma coisa segundo o estado *psíco-físico* do observador.

A observação deve ser feita ou às 10 horas da manhã ou das 2 às 5 da tarde, quando se presume que o estômago não está funcionando activamente.

A fórmula biométrica assim tomada é — a *expressão do estado vital* do observador no momento em que é tomada.

Na maioria dos casos a agulha é atraída pela mão direita e repelida ou immobilizada pela esquerda. Se, porém, substituirmos a mão por um foco calorífico, luminoso, eléctrico ou magnético, não se observa essa atracção para a direita e repulsão para a esquerda, donde se conclui



que a fôrça *nêurica ou vital* é perfeitamente distinta de todos êsses agentes naturais.

Depois de trezentas observações feitas em condições similares, o dr. Baraduc pôde deduzir delas as quatro leis seguintes:

**1.<sup>a</sup> Lei.** — *Lei de constatação da acção*; isto é: o magnetómetro deixa-se impressionar pela *fôrça vital*, que, segundo o seu modo de acção em nós, determina na agulha movimentos diversos e próprios de cada indivíduo.

**2.<sup>a</sup> Lei.** — *Lei das fórmulas biométricas*. Verificaram-se dezassete tipos de fórmulas biométricas, variáveis para cada indivíduo, constituindo assim *uma fórmula biométrica* pessoal a cada um.

**3.<sup>a</sup> Lei.** — *Lei de transformação de fórmulas*. Esta lei verifica-se ou nos casos de *mudança de personalidade física*, (tais são os casos de transferência de doenças de uma para outra pessoa), ou nos casos de *mudança de personalidade psíquica*, que se dá muitas vezes nos passivos magnéticos *no estado de credulidade*, quando, por meio da sugestão, os investimos num personagem alheio. <sup>(1)</sup>

**4.<sup>a</sup> Lei.** — *Estabelecimento da fórmula de vitalidade normal*, quando o indivíduo apresenta

---

(1) Vide livro citado.



alternativas de *evolução* físico-psíquica e de *involução* psico-física. Tais são os casos em que a atracção obtida pela mão direita é igual à repulsão obtida pela esquerda, e vice-versa, quando a repulsão obtida pela direita iguala a atracção obtida pela esquerda.

Devemos, porém, fazer notar que muito antes do dr. Baraduc ter feito estas experiências e deduzido estas leis, já W. Crookes tinha verificado e demonstrado, com o auxílio de um aparelho de sua invenção, que a *fôrça vital* podia, em determinados casos (com o concurso de um *médium* poderoso), determinar nos corpos sólidos uma *quantidade variável de pêso ou movimento*, destruindo assim pela base (pelo menos na aparência) os princípios fundamentais da física sobre densidade e pêso específico dos corpos.

O aparelho de W. Crookes a que acabamos de aludir compõe-se essencialmente das seguintes peças: — 1.<sup>a</sup> Um tripé fotográfico, de cuja prancheta superior pende um pequeno dinamómetro ou balança de mola em espiral, a cujo gancho inferior está prêsa uma pequena corda. — 2.<sup>a</sup> Uma *tábua* de mogno de dois metros de comprimento, suspensa por uma extremidade à corda do dinamómetro, tendo a outra extremidade da *tábua* apoiada sobre uma mesa.

Sobre esta extremidade havia duas pequenas caixas de papelão muito frágeis, sobre as



quais colocava os dedos das mãos Mr. Home, *médium* célebre, que auxiliava a experiência.

O pêso normal desta tábua era de três libras, mas logo que Mr. Home colocava os dedos sôbre as caixas de papelão, a fôrça que irradiava do *médium* era tal que o dinamómetro acusava logo um pêso que oscilava entre 6 e 9 libras.

Feita esta experiência por muitas vezes, sempre com o mesmo resultado, W. Crookes fez a contra-prova, colocando-se êle próprio de pé sôbre a extremidade da tábua onde Mr. Home colocara os dedos. Ora, apesar de ser de 140 libras o pêso de William Crookes, o dinamómetro apenas indicava um aumento de pêso de 1 libra e meia a duas libras, donde se pode concluir que, apesar de Mr. Home aplicar os dedos sôbre a extremidade da tábua aplicada sôbre a mesa, a fôrça psíquica que actuava sôbre o dinamómetro deve supor-se aplicada na outra extremidade da tábua.

Estas experiências foram feitas na presença dos illustres sábios o dr. Huggins que vigiava as oscilações da balança, do dr. Sergeant Cox, e do ajudante de química de Crookes.



\*

\* \*

Chegados, porém, a êste ponto, poderão sem dúvida perguntar-nos:—Mas o que vem a ser a Fôrça Psíquica ou Vital? qual a sua natureza? donde provêm?

A resposta a estas perguntas só se pode dar entrando no *campo das hipóteses*.

A teoria mais plausível e que mais satisfaz a intelligência é a do Fluido Universal, ou Éter, preconizada por Richnouski.

Êste illustre sábio, que conseguiu isolar o Éter de todos os outros corpos e estudar-lhe atentamente as suas curiosas propriedades, sustenta que o Éter é a fonte inexaurível da Vida Universal, a causa determinante dos movimentos planetários e siderais, a origem da luz, do calor, do movimento, etc.

Modificado ou adaptado aos organismos vegetais e animais, torna-se *fluido vital, ódico* ou *magnético*; é êste fluido que percorre as fibras dos vegetais e os nervos dos animais conduzindo *a Vida* ao aparelho cérebro-espinal, que é o acumulador dêsse fluido.

É êle o *medianeiro*, o *elo* que reúne a matéria inerte à alma espiritual.



O corpo torna-se assim um verdadeiro condensador do fluido;—os *plexus* nervosos são verdadeiras baterias, e os nervos funcionam como fios condutores da Fôrça Vital.

Assim o *fluido nervoso* produz em determinadas condições fenómenos físicos diversísimos e surpreendentes, de que mais tarde teremos de falar,—tais como as emanações ódicas, estudadas por Reichembach, Conde de Rochas, Durville, Jodko e Baraduc, que impressionam as chapas fotográficas; os fenómenos surpreendentes do magnétismo em todos os seus estados; e as mais maravilhosas ainda que resultam da *mediumnidade*.

Assim a experiência demonstra que a Fôrça Psíquica é *independente da matéria* organizada, porque não só se acumula e condensa no nosso organismo, mas se exterioriza dêle em parte, com todas as suas propriedades (sensibilidade, motricidade, vontade, etc.).

Desta sorte a experiência nos mostra que é nêsse Fluido Vital, alheio ao corpo, que reside a *fôrça organizadora e mantenedora da vida*, que é *independente* dos elementos anatómicos; os quais *se desagregarão, e morrerão*, logo que êle, por uma causa qualquer, abandonar êsse corpo.

Segundo as mais recentes experiências de Henri Durville, N. Iodko, do dr. Luys, Goudard



e Conde de Rochas, pode-se afirmar com toda a segurança que:

1.º — Todas as pessoas de ambos os sexos *emitem de todo o seu ser*, e mais especialmente dos olhos, nariz e dedos, *fluido vital ou ódico* em maior ou menor quantidade.

2.º — Que essa quantidade é tanto maior e mais intensa quanto melhor é o estado de saúde física e psíquica dessa pessoa.

3.º — Que nos homens êsse fluido é mais intenso e brilhante do que no sexo feminino.

4.º — Que nos homens é *azul* do lado direito e vermelho do lado esquerdo; ao passo que nas mulheres é esverdeado do lado direito e alaranjado do esquerdo.

5.º — Que na mesma pessoa a intensidade das radiações e vivacidade da côr variam consoante o seu estado sanitário e o seu estado psíquico.

6.º — Que os indivíduos *anestésicos bilaterais*, isto é, os que são privados de toda a sensibilidade de qualquer espécie, não emitem radiações algumas, e que a emissão dos eflúvios apresenta modalidades diversas, conforme o indivíduo se encontra no estado de vigília ou nos estados magnéticos de letargia, catalepsia ou sonambulismo.

Reconhece-se assim que os seres vivos são *na sua essência* fôrças permanentes que actuam



mediante a *renovação contínua* da matéria que os constitui, e — que *essa renovação* em nada prejudica a *individualidade e identidade do ser*, por isso que êste é constituído *essencialmente* pela *fôrça vital*, e não pelo corpo.

Os elementos anatómicos constitutivos dos corpos dos vegetais e animais *só vivem emquanto a fôrça psíquica os mantêm agrupados e activos; e morrem logo que essa fôrça os abandona.*

E é tal a subtileza e poder de penetração da *Fôrça Psíquica*, que ela se pode manifestar mesmo através de substâncias duras e opacas, como são, por exemplo, uma porta e uma parede.

De tudo o que deixamos dito se conclui que a existência do *Perespírito* ou *Fôrça Nêurica Irradiante*, como lhe chamou o dr. Baréty, é hoje em sciência considerada como um facto incontestável.

Só pode afirmar o contrário, mas sem provas, aquele que nunca se deu ao trabalho de estudar o assunto.

Dando assim por terminada a exposição resumida do muito que haveria a dizer sôbre o *Perespírito*, ou Corpo Astral dos ocultistas, resta-nos agora tratar sumáriamente do que seja o terceiro elemento componente do ser humano — a *Alma*.



## A Alma

Mas, o que é a alma?

Tal é o mais árduo problema que tem atravessado a mente dos filósofos de todos os tempos e de todos os povos.

Todos a sentem e reconhecem dentro em si, todos lhe conhecem os efeitos, mas ninguém a pôde definir com rigor; porque para o fazer era mister conhecer a sua natureza e essa está envolta na névoa espessa, que nos ofusca o brilho de todas as *causas primárias*. Temos, pois, de nos contentar com conjecturas, com raciocínios.

Os antigos filósofos espiritualistas faziam da alma ou do espírito uma concepção tão abstracta, que, em boa verdade, era quasi negá-la. Era quasi torná-la equivalente à noção do ponto matemático.

Reagindo contra esta absurda concepção, outros filósofos julgaram cortar o nó górdio decretando a *supressão da alma ou espírito*. Assim fizeram os materialistas; — as faculdades e propriedades atribuídas ao espírito foram transferidas para o corpo organizado.

A alma pôde muito bem ser considerada como uma secreção do cérebro, e o pensamento uma função dos centros nervosos.



Era a consequência lógica de outro *princípio dogmático* mais genérico da sua doutrina: — *a força é uma propriedade da matéria.*

Buchner é mais peremptório ainda, afirmando que o homem não é mais que um *simples produto da matéria.*

Seguindo a mesma orientação, Virchow afirma, (mas não tenta sequer provar), que a vida é apenas uma *forma particular da mecânica*; e Herrmann Sheffler, querendo desenvolver essa afirmação, acrescenta que o espírito é apenas *uma força da matéria, resultante da actividade nervosa*, sem reflectir que, se o espírito é produto do funcionamento nervoso, fica ainda por explicar qual é a força que produz essa actividade nervosa.

E assim os materialistas, dizendo *que todas as afirmações não experimentalmente demonstradas só devem merecer desprezo*, incorrem no vício que condenam, pois que as bases da sua doutrina apoiam-se exclusivamente em princípios que não demonstram.

O espiritualista moderno não carece de fazer afirmações gratuitas, para demonstrar a existência da alma como *um ser independente da matéria organizada*; faz essa demonstração apoiado em factos numerosíssimos que o forçam a admitir a sua existência.

E êsses factos são abundantíssimos, pois



que constituem o enorme pecúlio documental em que assenta a teoria espírita.

É cedo ainda para entrar nessa demonstração documental, e por isso limitar-nos hemos por agora a apresentar uma hipótese, aliás vulgar, que põe em sérios embaraços o sábio materialista. É o caso de um homem que, estando no gôzo da mais perfeita saúde, morre súbitamente de uma simples síncope. O coração, que funcionava regularmente, parou súbitamente no seu rítmico pulsar, a respiração cessou, o calor vital extinguiu-se a pouco e pouco. E todavia os seus órgãos estão todos intactos, nenhum desarranjo orgânico impede o seu regular funcionamento.

Porque morreu êste homem? Porque cessou essa *actividade nervosa*, da qual (segundo Shefler) *havia de resultar o espírito* que se extinguiu?

O materialista responderá com subterfúgios e evasivas; porque não poderá dar uma resposta que satisfaça os menos exigentes.

O espiritualista, porém, responderá francamente:—Êsse homem morreu, porque a *causa da vida*, isto é, *o espírito*, se ausentou dêsse corpo, cessando de se vivificar.

Mas dir-nos hão talvez:—E onde está a prova de que essa *causa da vida* se ausentou?

Está em que, sendo ela uma *fôrça*, não se pode conceber inactiva, estando o organismo in-



tacto. E que ela não está lá, nem mesmo latente, prova-o a decomposição cadavérica que se sucede à morte.

Se a nossa *vista normal* tivesse a acuidade extraordinária da visão psíquica do sonâmbulo, veria sair do corpo do falecido o corpo astral dêste, da mesma maneira que o vê sair (embora temporariamente) do corpo do médium adormecido com a aparência de uma nebulosidade diáfana, que se eleva da região esquerda do tórax no local onde fica localizado o baço.

E, antes de ir mais longe, devemos desde já declarar, que a experiência e observação aturada dos mais ilustres sábios nos atesta que a *actividade psico-física* da alma humana não está confinada, como geralmente se pensa, dentro da periferia do seu corpo; antes pelo contrário, *irradia* em tórno dêle com maior ou menor pujança, constituindo a cada um de nós a sua *esfera de influência*. Esta *irradiação anímica* é o ponto de partida fundamental para a explicação satisfatória do *sonambulismo*, da *médiunidade* e da *telepatia*, fenómenos que todos corroboram a doutrina que sustentâmos e que mais adiante teremos ocasião de desenvolver.



\*

\* \*

Mas o que será a alma?

Na impossibilidade de definir uma coisa, que se aceita por uma necessidade imperiosa da razão, mas que se não pode analisar nem conhecer intimamente, temos de nos contentar com conjecturas: e assim diremos que a alma é—*uma porção de substância distraída da fôrça universal para constituir cada individualidade.*

Actuando através dos órgãos cerebrais, é ela a parte pensante, raciocinante e consciente do individuo; é ela quem *guarda e arquiva* os conhecimentos adquiridos, e quem, guiada pelas sugestões do instinto, da sensibilidade e da razão, *delibera*, querendo ou não querendo tal ou tal acto.

Assim a *inteligência*, a *vontade* e a *consciência* são produtos da alma, ao passo que a *sensibilidade* é antes faculdade do perespírito ou corpo astral.

Deixando por agora de parte os princípios fundamentais da doutrina espírita, é conveniente entrar desde já na *parte histórica e fenomenal*, que compreende a exposição detalhada dos *factos* em que se estriba a teoria.



### III

## A Neo-psicologia — Factos

(PROVAS INDIRECTAS)

### I. Telepatia

A Telepatia compreende o estudo de todos os fenómenos psíquicos, em que se manifesta — ou a existência de uma *transmissão mental de pensamentos* entre pessoas separadas por enormes distâncias, — ou a *previsão de sucessos futuros*, por meio de sonhos, intuições ou presentimentos, mais ou menos precisos e definidos.

Todos estes fenómenos de uma natureza misteriosa, por desconhecida, provam, *embora indirectamente*, que no ser humano existe, além da matéria organizada, um *quid* misterioso, para o qual não há distâncias; pois que o pensamento e o sistema nervoso de um individuo pode vibrar harmónica e sincronicamente com o de



outro, embora medeiem entre êles milhares de quilómetros.

Prova igualmente que em determinados casos o *conhecimento antecipado* dos sucessos futuros pode não ser um mito.

Prosseguindo nesta orientação, diremos por isso o que fôr indispensável com respeito aos *fenómenos telepáticos, sonhos verídicos e proféticos, pressentimentos, intuições, alucinações telepáticas, etc.*

### **Sonhos verídicos e proféticos**

É o *sono* um fenómeno fisiológico que todos conhecem por experiência própria; mas que, por isso mesmo talvez, pouquíssimos teem estudado atentamente.

Constitúi êle uma necessidade fatal da vida, e é por isso que *nenhum* ser organizado se pode subtrair ao seu império. Animais e vegetais, seja qual fôr o seu grau na escala hierárquica da vida, *todos dormem*, e a duração do sono parece ser tanto maior quanto mais se desce na escala dos seres.

A teoria do sono é daquelas sôbre que se teem aventado opiniões mais desencontradas, não podendo por isso os fisiologistas chegar a acôrdo a tal respeito.



Dizem alguns que o sono resulta de *modificações materiais* nas células do cérebro; querem outros que provenha de uma *congestão* do cérebro; e outros finalmente atribuem-o a uma verdadeira *anemia* cerebral.

Se bem que nenhuma destas teorias satisfaça por completo, parece-nos todavia ser esta última a que mais se coaduna com os factos e com a experiência.

E de facto o consumo diário de fôrças ocasionado pelas funções da vida de relação produz necessariamente — *a fadiga, o cansaço cerebral*, resultante de uma menor affluência de sangue ao cérebro, donde resulta o entorpecimento muscular, que precede e predispõe para o sono.

Então as pálpebras abaixam-se, impedindo assim as relações visuais com o mundo externo, todos os músculos, que respeitam à vida de relação, relaxam-se, as ideias baralham-se, desvanecem-se pouco a pouco, todos os órgãos atingem um alto grau de abatimento e prostração, de insensibilidade relativa, a ponto de perdermos a consciência do estado actual. Apenas os órgãos respiratórios e os de nutrição mantem a sua actividade, se bem que um tanto enfraquecida.

Pretendem alguns que as faculdades intellectuais também dormem, mais ou menos intensamente.



É um erro. As faculdades intelectuais, sendo função privativa da actividade do espírito, não carecem de repouso; o que mais ou menos dormita são os órgãos cerebrais, através dos quais elas operam no estado de vigília.

Só assim se podem explicar os *sonhos*.

Como, porém, os órgãos dos sentidos nem sempre *repousam completamente*, daqui dimanam duas categorias de sonhos: se o repouso de todos os sentidos *é completo*, os sonhos são um produto espontâneo e exclusivo do espírito, porque na sua *gênese* não interveio, como base, uma qualquer sensação orgânica externa ou interna; se, porém, o repouso de algum dos órgãos *não é completo*, e neste se dá uma sensação qualquer, esta serve de base às locubrações da imaginação, que fantasia a seu talante, exagerando geralmente a sensação, por não estar em condições de lhe apreciar o verdadeiro valor, por falta de relações com o mundo externo. E' assim que, sonhando, a picada de um insecto se transforma, pela imaginação, numa punhalada, e o mais leve ruído se converte num tiro ou num terramoto.

Se o *sono* é um fenómeno puramente *fisiológico*, o *sonho* por seu turno é um fenomeno puramente *psicológico*, *anímico*, embora os órgãos meio entorpecidos possam fornecer-lhe um ponto de partida inicial.



E tanto assim é que, sonhando, nós *vemos, ouvimos, palpamos, sentimos prazer ou dor*, e todavia não carecemos para isso dos olhos, ouvidos, ou qualquer outro órgão, nem o que vemos ou sentimos em sonho poderia ser visto ou sentido, pelos órgãos dos sentidos, visto não ter existência real.

\*

\* \*

Com quanto seja em regra pueril crer na realização da generalidade dos sonhos, não pode todavia negar-se que alguns dêles *se realizam* com todas as suas minudências.

O número de observações de sonhos desta espécie é tão considerável, que, apesar das hesitações da nossa razão em aceitá-los, não se pode hoje pôr em dúvida a sua existência, e até a sua frequência; nem explicar racionalmente a sua realização pela cómoda, mas fantástica, *lei das coincidências*, que para casos tais nada explica.

Poderíamos apresentar aqui uma extensa lista de *sonhos proféticos ou fatídicos*, mas, para não nos tornarmos difusos, limitar-nos hemos a citar apenas alguns mais curiosos.



\*

\* \*

Cícero, que, como é sabido, se ria dos augures e dos sonhos, conservou-nos no seu tratado *De Devinatione* a memória de alguns sonhos proféticos.

Simonides, encontrando um dia numa estrada o cadáver de um homem, prestou-lhe as derradeiras homenagens, enterrando-o. À noite sonhou que via o falecido, e que êste o aconselhava a não embarcar no navio a partir para Delos, onde já tinha comprado passagem, porque êsse navio iria a pique. Impressionado com o sonho, Simonides ficou em terra e soube passados dias que o navio se havia afundado, morrendo toda a tripulação e passageiros.

\*

\* \*

Calpúrnia, mulher de Júlio César, na noite que precedeu o assassinio de seu marido, sonhou primeiro que a estátua dêste vertia sangue, e pouco depois que o teto da sua casa abatia, morrendo César aos golpes de um bando de assassinos.



Contou o sonho ao marido, pedindo-lhe que não fôsse ao senado nesse dia, mas êle foi; e todos sabem que êle aí succumbiu aos golpes dos senadores e patrícios romanos.

\*

\*      \*

Na noite que antecedeu o torneio em que Henrique II foi morto, a rainha Catarina sonhou que o via pálido e coberto de sangue. Debalde tentou dissuadi-lo de tomar parte nessa diversão; Henrique teimou e morreu.

\*

\*      \*

A princeza de Conti sonhou uma noite que o teto do quarto em que dormiam suas filhas caía em derrocada.

Acorda sobressaltada e ordena às aias que lhe tragam as filhas para o seu quarto. Instantes depois caía com fragor o teto do outro quarto.

Como êstes, encontram-se na história dúzias de casos análogos.

Tendo, porém, passado sôbre êles muitos anos e séculos, e não sendo êsses factos, pela



maior parte narrados pelos próprios indivíduos com quem se deram, podem achar-se desvirtuados, ou ser alcunhados de suspeitos ou apócrifos.

Por isso preferiremos expor antes factos recentes, relativos aos últimos setenta anos, extraíndo-os do interessante livro de observações—*Phantasms of the living*, compilado meticulosamente pelos sábios investigadores *Gurney, Myers e Podmore*.

É a esta interessantíssima compilação de factos extraordinários, feita com um plano e fim essencialmente científico, e baseado na narração directa das próprias pessoas com quem os factos se deram, que iremos de quando em quando buscar, resumindo-o, um ou outro facto mais notório.

\*

\*      \*

Começaremos pelo caso n.º 108 desta importante colecção.

É o cónego Warburton quem narra o facto passado com êle em 1848.

— «Parti de Oxford para passar um ou dois dias com meu irmão Acton Warburton, advogado que então residia em Fisk Street, Lincoln's Inn.

Chegado a casa dêle achei sôbre a mesa um bilhete desculpando-se de estar ausente, por ter ido a um baile de que só voltaria à 1 hora.



Em vez de me deitar, esperei-o recostado num fauteuil, onde em breve adormeci.

Á 1 hora da noite, porém, acordei sobressaltado, exclamando:— «Por Júpiter! êle caíu!»

— Sonhára que via meu irmão saindo de um salão brilhantemente iluminado, e que, chegando ao patamar, ao descer o primeiro degrau, caíra para a frente, aparando a queda com as mãos e cotovelos. Tornei a adormecer e passada meia hora fui despertado pela entrada brusca de meu irmão que entrou exclamando:— «Tu aí? Nunca como hoje corri tanto risco de quebrar as costelas!

Ao sair da sala do baile prendeu-se-me um pé ao tapete e caí pela escada abaixo.»

\*

\*      \*

Caso narrado por M.<sup>me</sup> West, residente em Hildegarde, Fourness Road, Eastbourne.

— «Meu pai e meu irmão faziam uma viagem durante o inverno, e eu ignorava o dia exacto da sua volta. Era, se bem me recordo, durante o inverno de 1871 a 1872.

Deitei-me à hora costumada, e sonhei que, olhando por uma janela, via meu pai num trenó



seguido por meu irmão num outro trenó. Tinham de passar por uma encruzilhada do caminho, por onde vinha com toda a rapidez um outro puxado por um só cavalo.

Meu pai parecia não ter reparado no outro viajante, que por certo o atropelaria se não tivesse antes feito encabritar o cavalo, de modo que meu pai teve de passar por debaixo das patas dianteiras do animal com grave risco dêste cair e o esmagar. — «Pai! pai! exclamei eu; e nisto acordei assustada.

No dia imediato pela manhã meu pai e meu irmão chegaram e eu disse-lhes: — quanto folgo de vos ver chegar aqui sãos e salvos, porque tive ontem a vosso respeito um sonho bem terrível.

Meu irmão respondeu: — a tua angústia foi por certo igual à nossa; e narrou-nos o que lhes sucedera, que era exactamente o que eu sonhara.

(a) *Hilda West.*»

Esta narrativa é confirmada por uma carta de M. Septimus Crowe, irmão de Hilda West, e por outra de M.<sup>me</sup> Bidder que ouvira contar esta aventura ao pai de Hilda, Sir John Crowe, antigo cônsul da Noruega.



\*

\* \*

M.<sup>me</sup> Green, mulher dum rico comerciante, relata assim um sonho que teve, a pedido de M.<sup>ele</sup> Richardson, sua amiga.

Newry, 21 de Janeiro de 1885.

Acedendo ao vosso pedido, Mademoiselle, envio-vos os detalhes do meu sonho.

Eu via duas mulheres, decentemente vestidas, guiando sòzinhas uma carruagem semelhante às que transportam águas minerais.

O cavalo, achando água diante de si, parou para beber, mas, não achando terreno firme, perdeu o equilíbrio e caiu na água da ribeira. As mulheres levantaram-se gritando por socorro, mas caíram-lhes os chapéus e fôram engulidas pelas águas. Despertei então sobressaltada, e meu marido perguntou-me o que eu tinha.

Contei-lhe o sonho, e como êle me perguntasse se eu conhecera as mulheres, respondi-lhe que nunca as tinha visto.

Durante o dia seguinte não pude subtraír-me à penosa impressão que êste sonho me causou



e fiz notar a meu filho que êsse dia (10 de Janeiro) era o aniversário natalício dêle e meu, e por isso me recordo muito bem dêle.

No mês de Março seguinte recebi de meu irmão Allen, que residia na Austrália, um jornal e uma carta em que me participava o desgosto que tivera de perder uma filha que morrera afogada com uma amiga sua. Eu não conhecia minha sobrinha, porque, tendo nascido na Austrália, nunca viera à Europa. O jornal, que era o *Inglewood Advertiser*, narra o successo dizendo (em resumo) que duas mulheres, de nome Lehey e d'Allen, que iam de carrinho em direcção a Kinypanial, haviam morrido afogadas numa ribeira, num sitio que tinha 10 a 12 pés de profundidade, sendo encontradas abraçadas uma à outra e os chapéus boiando à superfície.

Uma carta do snr. Th. Green dirigida a M.<sup>lle</sup> Richardson, confirma o facto do sonho.

\*

\*      \*

Análogos a êstes encontram-se na edição inglesa dos *Phantasms of de living* de Gurney e Myers mais 139 casos que o leitor curioso pode consultar.

A observação tem demonstrado que, por



via de regra, êstes sonhos se dão no momento preciso em que algures se passa um successo extraordinário, emocionante, desastre ou morte de pessoa conhecida, ou ligada à que sonha por um *elo de simpatia*, que serve como de espelho ou reflector do fenómeno.

A existência freqüente de factos desta ordem é hoje um facto averiguado por centenares de exemplos. Negá-los ou pô-los em dúvida pode ser cómodo, mas não é prova de esperteza; — é apenas um subterfúgio sistemático que só tem por fim iludir a dificuldade.

Mas como explicá-los?

Mais tarde o veremos.

Com esta ordem de fenómenos prende-se uma outra, remontando à mesma causa, embora se manifeste sempre no estado de vigília. Aludimos aos *pressentimentos*, *intuições*, *êxtasis*, etc.

\*

\* \*

Dá-se o nome de *pressentimento*, ou *intuição* ao fenómeno psíquico mediante o qual certas pessoas, estando perfeitamente acordadas e no gozo pleno de todas as suas faculdades, teem súbitamente conhecimento mais ou menos nítido



de um acontecimento longínquo, presente ou futuro, geralmente desastroso.

São inúmeros os factos desta natureza, e manifestam-se geralmente por uma comoção interna indefinível, ou um mal estar orgânico que nos faz antever uma desgraça iminente.

Êstes fenómenos, vulgarmente denominados *simpáticos*, dão-se geralmente entre pessoas ligadas por estreitos vínculos de sangue, ou pelos laços, mais íntimos ainda, de um amor intenso ou uma amizade a toda a prova.

Alguns exemplos entre milhares.

\*

\*      \*

Um amigo nosso, médico ilustradíssimo e de uma probidade a toda a prova, asseverou-nos por várias vezes que, sempre que alguma pessoa de sua família, vivendo em terra distante, se achava em perigo de vida, êle tinha sempre o pressentimento ou aviso, manifestando-se pela audição, ao seu lado, de umas pancadas de um timbre especial, que lhe chamavam a atenção, sem que êle nunca lograsse descobrir a causa física que as produzia. Êste fenómeno precedia sempre a recepção de notícias tristes.



\*

\* \*

A mulher de um official francês, no tempo do primeiro império, sempre que o marido, então em campanha, era ferido, sentia no seio direito uma dor violenta durante alguns minutos, dor tanto mais intensa quanto maior era a gravidade do ferimento. Onze vezes o marido foi ferido e onze vezes a dor se repetiu.

\*

\* \*

Entrando um dia na igreja de S. Luís, e tendo ajoelhado, o abade de Montmorin, sentiu desde logo um vivo desejo de mudar de lugar. Reagiu a principio contra essa sollicitação interna e inexplicável; mas, como ela se tornasse cada vez mais forte, levantou-se e foi ajoelhar noutro sitio. Momentos depois uma pedra enorme, deslocando-se da abóbada, veio cair exactamente no sitio que êle occupava pouco antes.



\*

\* \*

Um soldado francês, em serviço na Algéria, experimentou um dia súbitamente, e durante uns dez minutos apenas, uma comoção tão violenta que julgou morrer. Parecia, dizia êle, que uma mão de ferro lhe esmagava o cérebro e uma tristeza profunda se apossava de todo o seu ser; e todavia a sua fisionomia não indicava nenhuma alteração mórbida. Passado êsse tempo, todo o mal desapareceu súbitamente.

Dez dias mais tarde recebeu êle de França uma carta em que lhe participavam que sua mãe tinha falecido após uma dolorosa agonia, no mesmo dia e à mesma hora em que êle sofrera aquele inexplicável incómodo.

\*

\* \*

Conta lord Byron que, quando viajava na Grécia, foi o seu guia súbitamente atacado de um tremor convulso, seguido de um abatimento



geral que o obrigou a deitar-se no chão. E como Byron o interrogasse sôbre a causa daquelle accidente: — Senhor, respondeu o guia, não longe de aqui deve passar-se neste momento o que seja de terrível: acreditai-me. Não devemos prosseguir por enquanto na nossa jornada. Há dois anos, indo para uma aldeia da Argólida, tive padecimento idêntico, e o tempo que perdi com isso foi o bastante para salvar-me a vida; porque a essa mesma hora hordas turcas massacravam os habitantes da aldeia.

Byron sorriu-se scépticamente daquela crença; mas quando meia hora mais tarde se pôs a caminho, encontrou a cinco quilómetros de distância vestígios de sangue derramado, e pouco adiante, oito cadáveres ainda quentes estendidos no chão.

Apesar de attribuir esta coincidência a *um mero acaso*, Byron consignou ainda assim o facto nas suas obras.

\*

\*      \*

Como êstes poderíamos citar centenas de casos análogos, que todos atestam haver na natureza humana um *quid* misterioso, que é a *chave explicativa* de todos êsses factos extraordinários.



Mas como explicá-los?

Aí começa a dificuldade. Uns contentam-se em atribuir êsses factos a *meras coincidências*. Outros dizem-nos que os pressentimentos são apenas *raciocínios inconscientes*, baseados em noções *inconscientemente adquiridas*, que se formam nas profundezas da trama cerebral e de que só *chega ao sensório a conclusão*.

E com êste *imbróglio* de palavras, que só traduz confusão de ideias, teem a pretensão de explicar o que só com muita clareza se pode compreender.

Outros limitam-se a reconhecer a existência entre certas pessoas de um laço simpático, mediante o qual certos indivíduos, de uma susceptibilidade nervosa mais apurada, teem a *capacidade de antever* o que está distante e de *prever o futuro* em determinadas circunstâncias. Esta explicação, conquanto mais aceitável, não é em rigor uma verdadeira teoria; porque não explica os fenómenos; limita-se a *reconhecer* a veracidade dêles.

Quanto a nós, reservamos para mais tarde a exposição da teoria que temos por verdadeira, porque ela é applicável a muitos outros fenómenos de que mais tarde falaremos.



## II. Magnétismo. <sup>(1)</sup>

Sob o nome de Magnétismo Animal ou Pessoal compreende-se uma série de fenómenos variadíssimos, que resultam da influência que *a vontade de um homem enérgico* pode exercer sobre a vontade de um outro, que o é menos.

Essa acção produz um *sono especial*, chamado *magnético*, que, em regra, pode compreender cinco graus de intensidade ou estados; a saber:

Estado de credulidade.

- » » letargia.
- » » catalepsia.
- » » exteriorização da sensibilidade.
- » » sonambulismo.

Os três primeiros estados podem também ser obtidos por um processo mecânico, devido a

---

(1) Não permitindo o plano desta obra dar desenvolvimento suficiente à exposição dos fenómenos magnéticos e sua teoria, o leitor, a quem o assunto interesse, deverá consultar o nosso livro — **O Magnétismo**, publicado em 1913 pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. Lisboa, Praça dos Restauradores.



Braid, médico inglês, processo que é conhecido pelo nome de *hipnotismo*, e o sono assim obtido chama-se então *sono hipnótico*.

Todavia o processo de Braid, *exclusivamente empregado*, não pode produzir a *exteriorização da sensibilidade*, nem o *sonambulismo*.

Devemos, porém, notar que a maior parte dos hipnotizadores empregam hoje os dois processos cumulativa ou sucessivamente, e dão a tudo o nome de hipnotismo. É por isso também que na linguagem usual se empregam indiferentemente as expressões *sono magnético* e *sono hipnótico*. <sup>(1)</sup>

\*

\*      \*

O estado de *credulidade* é aquele em que o sono é o mais leve de todos; dir-se hia que o passivo está plenamente acordado, porque goza de todos os seus movimentos e de todas as suas faculdades intelectuais. Apenas, em alguns casos, se lhe poderá notar um certo pêso nas pálpebras e uma pequena prisão na língua.

---

(1) Vide obra citada, pág. 130.



O que especialmente caracteriza êste estado magnético é o facto singularíssimo de o passivo *acreditar sem relutância* tudo quanto pelo magnetizador lhe fôr inculcado como verdadeiro.

*Todos os sentidos* do passivo obedecem cegamente ao magnetizador, desde que êste inculque uma ideia, por mais disparatada que ela seja. Se, porêm, o magnetizador lhe não inculca ideia alguma, nesse caso todos os sentidos e faculdades do passivo funcionam normalmente. E é *tão assombrosa* a alteração profunda que êste ligeiríssimo estado de sono produz nêle, que até a *consciência da sua própria personalidade* se lhe pode fazer perder, durante o tempo que nos aprouver, investindo-o em novas personalidades.

Estas experiências, que são interessantíssimas para o psicólogo, fizemo-las mais de cinquenta vezes com um dos nossos sonâmbulos, transformando-o, na mesma noite, em general, regente de banda, mestre de dança, etc. E era tal a perfeição com que êle desempenhava todos êsses papéis, que deixava assombrados todos os circunstantes pela naturalidade com que representava essas diferentes personalidades.

É por tal forma surpreendente o poder que a vontade do magnetizador exerce sôbre *todas as faculdades* do passivo magnético, que não há uma única que não lhe esteja eficazmente submetida, a ponto de por vezes chegar a atingir as



raias do que habitualmente se tem como impossível. Para o demonstrar vou citar um facto que se deu comnosco, haverá uns cinco ou seis anos, que foi presenceado por umas quatro ou cinco pessoas, e que a nós mesmo encheu de assombro, porque fizemos essa experiência sem esperança quasi nenhuma de bom resultado, sobre tudo de *resultado permanente*.

Estávamos nós magnetizando pela primeira vez um rapaz de 17 anos que voluntariamente se prestara a fazer várias experiências magnéticas.

Aconteceu, porém, que nesse mesmo dia havíamos sabido da mãe d'êle, que havia meses êle nada via de um dos olhos.

Isto sugeriu-nos a ideia de fazer uma experiência sobre o poder da sugestão. Sabíamos que os médicos não lhe haviam encontrado no olho defeito algum que justificasse a cegueira, e que em tal caso podia esta resultar de um estado nervoso local; e como por outro lado sabíamos que o poder do magnetismo *é quasi omnipotente*, quando é aplicado com o firme propósito de fazer bem, resolvemos fazer a experiência, embora tivéssemos bem pouca confiança *na permanência do resultado*, pois nunca havíamos tentado dar efeitos *post-hipnóticos* às sugestões dadas em *estado de credulidade*.

Foi nesta disposição de espirito que encetamos a experiência.



Quando o passivo se achou em estado de credulidade nítidamente caracterizado, mandamos-lhe fechar os olhos, e enquanto lhe fazíamos sobre o olho cego vários passes, contactos e insuflações apropriadas, fomos-lhe sugerindo enérgicamente, e procurando convencê-lo de que—o olho estava são... nenhum defeito aparente lhe impedia a visão... apenas uma ligeira afecção no nervo óptico lhe prejudicava a vista; mas que essa afecção lhe ia desaparecer... que, quando eu lhe mandasse abrir os olhos havia de ver com ambos quasi com igual perfeição, e que com alguns exercícios haviam de ficar perfeitamente iguais, etc., etc.

Então mandei-lhe tapar com a mão o olho são e ler sómente com o outro. Tomei um livro que estava sobre uma mesa, abri-o num sitio qualquer e disse-lhe: — «pode ler.» E êle leu a página toda, sem errar e apenas um pouco morosamente. Tirei-lhe o livro e disse-lhe: — vê, que era verdade o que eu lhe dizia? apenas lê um pouco mais de vagar... por falta de hábito; porque criou o *mau costume* de aplicar sómente o outro olho. Para ficar de todo bom precisa de fazer exercícios de leitura *só com o olho doente*, durante uns oito dias.

E agora *quero* que *depois de acordado* fique vendo dêsse olho tão bem como neste momento vê.

Dito isto acordei-o de todo: e depois de acor-



dado tive a *inesperada satisfação* de verificar, que os efeitos da sugestão *persistiram*, ficando o rapaz vendo de ambos os olhos, senão com a mesma intensidade, pelo menos aproximadamente igual.

Se houvéssemos feito êste tratamento *magnético sugestivo* no estado de sonambulismo, não nos surpreenderia muito a cura, porque nêsse estado as sugestões actuaem muito profundamente em todo o organismo; mas no estado de *credulidade*, que é um sono *tão leve* que pouco difere do estado de vigilia, surpreendeu-nos em verdade a mais não ser.

\*

\*      \*

Chegados a êste ponto, cumpre-nos examinar agora algumas das principais teorias explicativas da sugestão.

— O que vem pois a ser a sugestão?

Manifestamente é uma *fôrça* que, partindo do agente, vai imperar, *com soberania absoluta* não só no ânimo e vontade do paciente, mas em todos os seus órgãos e faculdades, e com uma intensidade tal que excede muitíssimo a que lhe poderia dar a própria vontade do paciente.

Mas porque forma ou processo actua essa fôrça?



Os processos magnéticos ou hipnóticos, dizem uns, produzem em primeiro lugar a *anevrosia*, isto é, o exgotamento nervoso, o entorpecimento de fluido vital, que traz consigo a privação temporária da vontade do paciente. Então a vontade do agente, que *é uma fôrça*, projecta-se sôbre o paciente, substitui-se à vontade entorpecida dêste, e opera assim todos os maravilhosos fenômenos do magnétismo.

Esta teoria, se bem que tenha um fundo de verdade na descrição do *modus faciendi*, é deficiente, porque não nos deixa entrever a *natureza* dessa fôrça misteriosa.

O dr. Ochorowicz, célebre fisiologista, procurando achar uma teoria explicativa para a sugestão mental, socorre-se a outros princípios em que também pode haver um fundo de verdade, e que é indubitavelmente mais completa e profunda, embora não atinja o âmago da questão.

O pensamento transmite-se de umas a outras pessoas, porque, segundo êle, o pensamento é um acto dinâmico, cujo movimento não fica limitado à superfície externa do corpo que o produz, mas antes se propaga e transforma ao atravessar meios iguais, análogos ou diferentes, e por isso o pensamento correlativo dêsse movimento também se propaga e transforma. Mas, nem o princípio de comunicação nem o de transformação nos serviriam de muito para a explicação da



sugestão mental, se não fôsem completados por um outro princípio de física geral— a lei de *reversibilidade*.

E com efeito, diz êle, nós sabemos que toda a fôrça se propaga; que toda a fôrça propagada, que encontra uma resistênciã, se transforma; não sabemos, porém, o que pode succeder numa segunda ou terceira transformação. Pode acontecer que um movimento *transformado duas vezes recobre o seu carácter primitivo*. Mas em que caso poderá isto succeder?

No caso particular em que o movimento communicado *ache um meio análogo ao do seu ponto de partida*.

Dá-se um exemplo dêste facto no *fotofono*, em que um raio de luz reflectido por um espelho, chega, modificado pela palavra, à outra estação; incide sôbre uma lâmina de *selênio*, atravessada por uma corrente local, à qual opõe maior ou menor resistênciã, segundo o brilho do raio luminoso, que a fere.

Esta corrente incessantemente modificada passa a um telefono, cuja placa vibra conforme as modificações que sofre, e reproduz a palavra que, transmitida pelos vasos ao cérebro, reproduz por sua vez o mesmo pensamento que lhe deu origem.

Na sugestão mental dá-se o mesmo. O correlativo dinâmico dos movimentos cerebrais pro-



paga-se e transforma-se, e quando chega a um meio análogo àquele que lhe deu origem, isto é, a outro cérebro, desperta nêste os mesmos pensamentos, as mesmas ideias, em virtude da *lei de reversibilidade*.

(Vide Dr. Ochorowicz — *De la Suggestion Mentale*, pág. 514 e seg.)

Esta teoria, aliás engenhosíssima, tem apenas o defeito de se basear em *uma mera hipótese*, qual é a possibilidade de um movimento recobrar o seu primitivo carácter após uma segunda ou terceira transformação.

Há ainda, dentro das teorias mais verosímeis, uma outra, a nosso ver, superior, porque não só explica os fenómenos magnéticos e de sugestão, mas também os de telepatia e outros mais complexos.

Aludimos à teoria do professor italiano *Dal Pozzo*, de que mais adiante falaremos.

\*

\*      \*

Falámos já dos fenómenos curiosíssimos que pode manifestar um passivo magnético no estado de credulidade.

Se, porém, tratarmos de intensificar a influên-



cia magnética, fazendo lentamente passes durante um tempo conveniente, os olhos do passivo fechar-se hão, e pouco e pouco os seus membros tornam-se flácidos, pesados e inertes, e a respiração torna-se mais ruídosa do que no estado normal; o passivo cái no estado *letárgico*,—*dorme profundamente*.

Se a letargia é perfeita, manifesta-se um fenómeno curiosíssimo:—é a *analgesia*, isto é, todos os seus músculos e órgãos tornam-se insensíveis à dor, porque toda a sua actividade sensória ficou *aniquilada*. Neste estado o paciente pode sofrer a operação mais dolorosa sem que sintam a mais leve dor.

Os Drs. Cloquet, Filassier, Lafow, Recamier, Pelletan, Darioux, Faure e muitíssimos outros tem realizado operações difíceis e morosas em doentes, magnética ou hipnóticamente adormecidos, sem que estes hajam conhecido que estavam sendo operados; verificando-se assim que o sono magnético ou hipnótico produz uma *insensibilidade igual e menos perigosa*, do que a obtida geralmente pelo clorofórmio.

E esta *insensibilidade* é tal que se pode colocar sob as narinas do paciente um frasco destapado contendo amoníaco, pois elle respirá-lo há sem denotar que o tal cheiro o incomoda.



\*

\* \*

Ora todos estes factos levam-nos a uma conclusão fatal e iniludível, e é que os órgãos dos sentidos *não são*, por forma alguma, *a causa produtora* da visão, da audição, do olfacto e do gosto; que a sensibilidade geral espalhada por todo o nosso corpo *não reside, nem é produto* da fibra muscular; pois que por um simples *acto de vontade* do magnetizador se pode *anular* ou *transferir* de um para outro local, como succede aos sonâmbulos, que *podem ver com a nuca, com o estômago, ou pelas pontas dos dedos*.

No passivo magnético, quando, no estado de *exteriorização*, a faculdade de sentir abandonou completamente o corpo e *vai localizar-se fora* a uma distância maior ou menor, formando em torno do passivo e *isolado dêste*, uma espécie de *casca* ou *fantasma aeriforme*, para o qual *se transfere* toda a sensibilidade do passivo, mas num grau de *hiper-excitabilidade* extraordinário.

De onde se conclui que, uma cousa são os órgãos dos sentidos, e outra é a *faculdade de sentir*. Aqueles são dependências do organismo, esta é uma faculdade da alma.



\*

\* \*

De entre os fenómenos mais notáveis que oferecem os *sonâmbulos lúcidos* destacam-se como principais — a *hiper-excitabilidade* de todos os sentidos, — a *transposição* dos mesmos — e a *sugestão* com efeitos hipnóticos e post hipnóticos.

É assim que a memória do sonâmbulo parece *evocar* do passado um mundo inteiro de recordações, de que no estado de vigília não lograria recordar-se, evocação que lhe permite como que tornar a ver ante si todo êsse passado já de há muito obliterado.

Mas não é só com respeito ao passado que essa *hiper-excitação* munemónica se manifesta; se lermos diante do sonâmbulo algumas páginas de um livro, terminada a leitura, êle repetirá, sem omissão de uma vírgula, tudo quanto ouviu, e isto ainda mesmo que o livro esteja escrito numa língua para êle desconhecida.

A mesma exaltação sensitiva se observa nos outros sentidos dos sonâmbulos. Assim êle poderá achar um cheiro melhor ou pior a objectos que todos nós consideramos inodoros; desta arte, se aproximarmos do nariz do sonâmbulo, (devida-



mente vendado), um pedaço de madeira, vidro, ferro, papel, pedra, chumbo, prata ou oiro, êle distinguirá todos êsses objectos conforme a sua natureza.

Dando-se para as mãos do sonâmbulo vários objectos pertencentes a diversas pessoas presentes à experiênciã, êle dir-nos-há em breve, recorrendo ao olfacto, quem é o dono de cada um dêles.

Mas assim como o sonâmbulo pode apresentar esta hiper-excitabilidade sensória, pode também, se o magnetizador quiser, apresentar a atrofia completa do órgão olfactivo, como já atrás dissemos.

Ora, sendo indubitável que o órgão olfactivo do sonâmbulo *não sofreu alteração alguma fisiológica*, como se pode explicar, no campo materialista, que êle passe da *hiperestesia* à *atrofia completa*, só porque uma terceira pessoa assim o quis?

Mas é sobretudo no ponto de vista da visão que o sonambulismo se torna verdadeiramente maravilhoso.

Manifesta-se isto por três formas diversas — *visão nítida*, com os olhos fechados e vendados, de objectos próximos, ou — *dupla vista*: — visão de objectos ocultos ou escondidos, — *criptoscopia*, e finalmente — visão a grandes distâncias, ou *visão telescópica*.



Negou-se obstinadamente durante muitos anos o facto da visão com os olhos fechados ou *dupla vista*, alegando-se que isso era um *mero embuste* dos magnetizadores e dos seus sonâmbulos; dizia-se que as experiências eram feitas por forma que os espectadores eram iludidos e não podiam merecer crédito nem confiança.

Os fisiologistas e médicos, eivados pelas teorias materialistas, achavam *mais cómodo* negar a pés juntos *a possibilidade do facto*, do que estudar a sério o assunto, e tentar desmascarar os *pretendidos embusteiros*.

E assim neste estado de *prudente retraimento* se conservaram os *sábios académicos*, até que James Braid, médico inglês, descobriu um processo mecânico, mediante o qual se conseguia *parodiar em parte* os fenómenos magnéticos, sem correr o risco de passar por *charlatão*. Estava descoberto o hipnotismo.

O *termo novo* agradou aos *sábios oficiais*, que puderam então estudar *sem perigo de charlatanismo* o que já cem anos antes havia sido estudado pelos mais distintos magnetizadores do século XVIII.

Hoje os homens de sciência já não negam o fenómeno da visão com os olhos fechados; limitam-se a querer explicá-lo dizendo que o sonâmbulo tem o órgão da vista por tal forma *hiper-excitado* que lhe permite ver nitidamente



através das pálpebras fechadas, aliás muito translúcidas, e mesmo através das dobras duma espessa venda que se lhe ponha nos olhos.

Mas esta afirmação cai pela base se se reflectir que, quando se produz o sono magnético ou hipnótico, os globos oculares se reviram para a parte superior, por forma que sob as pálpebras fica apenas a parte branca do olho, que, como é sabido, não tem capacidade visual.

Hoje, porém, que os fenómenos do sonambulismo fôram minuciosamente estudados por homens de sciência da envergadura de Charcot, Richer, Dumontpallier, Bernhein, Chambard, entre muitos outros de não menor nomeada, está exuberantemente demonstrado que a *dupla vista* é um facto de que não pode duvidar-se.

E de facto a nossa experiência pessoal nos demonstrou por muitas vezes que um sonâmbulo *regularmente lúcido* pode ler com os olhos vendados uma carta encerrada no seu sobrescrito ou numa caixa; pode descobrir um objecto perdido ou escondido; e pode, viajando mentalmente, ir ver o que existe, ou se está passando a muitos quilómetros de distância do lugar em que se acha. É a visão criptoscópica e a telescópica, de que já falámos.

Como exemplo da *visão telescópica*, vamos apresentar o seguinte caso, que um distinto médico madrileno, o dr. Otero Acebedo, narra minu-



ciosamente no seu interessantíssimo livro intitulado—*Los Fantasma*s.

\*

\*      \*

« Pelo tempo, diz êle, em que tiveram lugar as experiências de que acabo de ocupar-me, achava-se doente em Santiago de Compostelia, o meu querido e infeliz mestre, o Dr. Jeremias, reitor da Universidade galega.

« Os sintomas da doença não eram completamente claros, como fôra para desejar, para que o diagnóstico fôsse unânime entre os facultativos que o tratavam. « Interessando-me, porém, imenso pela sua saúde, fazia com que o meu amigo S... o visitasse diariamente *durante o sono hipnótico*, e me dissesse ao despertar como o doente se achava, e se melhorava.

« As respostas, porém, não eram satisfatórias mas muito variáveis, segundo o estado em que diariamente se achava. Além disso S... que nunca estudou medicina, e ignorava até a forma do órgão affectado (por ser interno), não só me descrevia as pessoas que acompanhavam o paciente (dados comprovados com cartas que posuo) e as opiniões sustentadas pelos médicos, mas



até me descreveu um dia a lesão, quanto à sua forma, aspecto e sítio, dando-me pormenores curiosos, mais que por si mesmos, porque com êles pude fazer diagnóstico oposto ao que eu imaginara.

«No dia 26 de Abril de 1890, em que, como de costume, perguntei a S... pelo estado do Dr. Jeremias, respondeu-me que parecia um pouco aliviado, e mais tranqüilo.

«No dia 27 às 9 da manhã fiz-lhe a mesma pergunta, esperando que o alívio se tivesse acentuado, seguindo assim uma fase comum ao padecimento, mas, contra a minha expectativa, S... disse-me ao despertar:

— «O snr. Jeremias morreu esta madrugada. Acabo de o ver alumado com tochas.

«E prosseguiu dando-me noticias das pessoas que acompanhavam o morto e da colocação dêste com respeito à casa que habitava.

«Não dei muito crédito às palavras de S..., porque não suspeitava que o desenlace da enfermidade fôsse tão rápido.

Todavia um telegrama recebido nêsse mesmo dia de Santiago, em resposta a outro meu, confirmou-me a triste verdade.

— «M. Otero — Praça Bilbao 4, Madrid. — Dr. Jeremias faleceu cinco manhã hoje.— Quero.»

Nesta observação a única cousa que não pude comprovar foi a relativa ao diagnóstico



formulado por S. . . , por não se ter autopsiado o cadáver.

\*

\*      \*

Chegados a êste ponto, tem cabimento aqui a teoria do célebre professor da Universidade de Peruggia, o dr. Dal Pozzo, que é a que mais cabalmente explica *fisiológicamente* não só todos os fenómenos já expostos, mas mesmo alguns dos que ainda temos de expor.

No seu livro intitulado — *Un capítulo de Psico-fisiologia*, impresso em Foligno em 1885, sustenta êle a seguinte doutrina, que vamos resumir.

Toda a actividade mental se traduz num fenómeno de movimento, produzido nas células nervosas donde se transmite a todo o organismo, e dêste ao meio ambiente, que não é constituído apenas pelo ar, mas também por todos os seres que nêle existem, produzindo-se assim uma ondulação que se propaga pelo Universo inteiro.

Ora, se todos os fenómenos da Natureza se reduzem a final a fenómenos de movimento, é claro que o pensamento não pode excluir-se esta lei.

Se fôsse possível a um observador presencear



os fenómenos fisiológicos, que se passam no nosso cérebro quando pensamos, êle veria apenas uma série de movimentos, emquanto que nós, não tendo consciência de tais movimentos, tê-la-híamos apenas de que *pensamos*, facto êste que o observador não poderia afirmar, porque a nossa consciência, como entidade subjectiva que é, não teria para êle existência real.

Por isso êle não poderia ver mais do que *umas simples vibrações*, correspondentes ao nosso acto mental.

Mas, como o movimento nem se perde, nem se aniquila, antes se propaga e transforma, assim também o pensamento e a vontade se propagam ou se transformam, conforme atravessam *meios iguais, análogos ou diferentes*.

Que toda a actividade mental *se traduza* em fenómenos de movimento aceitamos nós de boa vontade, e achamos por isso muito racional esta teoria; o que, porêm, ela nos não diz é qual é a *causa produtora* dessa actividade mental,

E deve mesmo notar-se que Dal Pozzo não diz que são os actos psíquicos, *pensamento e vontade*, que se propagam, mas sim que êles *se traduzem*, isto é, *se convertem*, no mundo externo ou *eu pensante*, em movimentos correspondentes a êsses actos psíquicos, e que são essas ondulações objectivas que se *propagam e transformam*.

E assim como a ondulação produzida num



meio não é *som, nem calor, nem luz, nem electricidade*, assim também a ondulação do meio ambiente produzida pela vibração de um organismo vivo, *não é vital, nem fisiológica*.

Mas, se por ventura, essas vibrações do meio chegarem a um corpo, cujas partículas *sejam aptas* a vibrar isócronas com elas, (isto é, num outro cérebro ou vontade) nêsse caso produzem nêle uma sensação análoga áquela que produzira tais vibrações; ou, (o que vem a ser o mesmo), produzem *um pensamento ou acto volitivo igual*.

Assim, pois, um pensamento, expresso ou não por sinais exteriores, produz movimentos ondulatórios no meio que rodeia a pessoa que pensa, e estas ondulações viajam no espaço e comunicam-se às demais pessoas de uma maneira semelhante, sendo a sua influência tanto mais activa, quanto mais intenso fôr o pensamento do agente, e maior a capacidade receptiva ou sensível do outro indivíduo.

E' por esta forma que se pode explicar fisiologicamente a transmissão do pensamento, a sugestão mental, os pressentimentos, as intuições e vários outros fenómenos anómalos.

E' assim que as ideias religiosas e políticas abrem caminho e convertem por vezes multidões inteiras.

Por isso um orador veemente e apaixonado pode, em dados momentos, pelo só influxo do



seu verbo entusiástico, arrastar inconscientemente após si uma multidão inteira, impregnando-a com o seu ideal.

Um general, prestigioso como Bonaparte, arrastará após si o exército que, à sua voz, irá com fanatismo inconcebível dar por êle o sangue e a vida.

Na generalidade dos casos, porém, as ondulações são pouco intensas; a ideia, que as produz, penetra suavemente nos cérebros, tornando-os aptos para num dado momento se exteriorizar o movimento que ali ficára latente.

E' bem sabida a rapidez com que se propagam certas doenças, tais como convulsões, ataques epilépticos, histéricos, e a mania do suicídio. E essas doenças, está hoje reconhecido, não se combatem eficazmente com medicação terapêutica; curam-se apenas com um tratamento moral.

Citaremos alguns exemplos. As possessas de Loudun, que maravilharam a França com os fenómenos extraordinários que produziam, não nos assombram hoje, pois que se explicam satisfatoriamente pela sugestão mental e pelo magnetismo; e a rapidez com que êsse estado mórbido se propagou por todas as freiras explica-se razoavelmente pela teoria de Dal Pozzo.

O mesmo se pode dizer dessa epidemia que ameaçou invadir a França, e é conhecida na his-



tória sob o nome de—os Convulsionários de S. Medard.

Um granadeiro do exército de Bonaparte, desgostoso da vida, fez saltar os miolos. A seguir espalhou-se no exército a mania do suicídio com tal intensidade, que se tornou alarmante. Napoleão, porém, com uma intuição que maravilha, faz publicar uma ordem do exército, em que estatua, que todo o militar que se suicidasse fôsse considerado cobarde e exautorado. Foi o bastante. A mania do suicídio acabou como por encanto.

É por isso que a imprensa periódica, narando com minúcia os suicídios, duelos e grandes crimes, pratica inconscientemente um gravíssimo erro, pois contribui involuntariamente para a prática e repetição de crimes similares. A leitura desses factos mórbidos acha éco nos cérebros fracos, predispondo-os para o suicídio e para o crime.

Conta-se que na Grécia Antiga, tendo-se enforcado uma joven de Mileto, nos dias imediatos appareceram enforcadas muitas outras. O contágio ameaçava estender-se.

Os magistrados da cidade lembraram-se de publicar uma lei estatuinto que toda a mulher que fôsse encontrada enforcada, fôsse despida e exposta nua na praça pública.

O contágio moral cessou. O desprezo pela



vida foi suplantado pelo receio da vergonha de se verem assim expostas depois de mortas.

Todos êstes casos mórbidos e muitas outros análogos não são produzidos, como muitos julgam, pela imaginação ou espírito de imitação, que nada explica; mas são devidos, segundo Dal Pozzo, às ondas poderosíssimas que vagueiam na atmosfera, produzidas pelo pensamento do primeiro autor, e que se vão avolumando com as produzidas pelos sucessivos imitadores, tornando-se assim irresistíveis.

Todavia, para acalmar uma tal tempestade basta a interferência em sentido contrário de outra onda heterogénea e tão intensa como a primeira.

\*

\*      \*

Temos, pois, assente que a vontade é uma força psíquica que se exterioriza num movimento, que não fica localizado no cérebro, mas se estende a todo o organismo e dêste ao meio ambiente, produzindo uma onda tanto mais enérgica quanto mais intenso fôr o acto volitivo. Se esta propagação do movimento cerebral se produz involuntariamente, chama-lhe Dal Pazzo — *radiação humana*, e se o fenómeno se produz deliberadamente



sendo a vontade quem dirige a onda, nêsse caso diz-se — *projecção da vontade*.

Como, porêem, todo o ser vivo é um *foco dinâmico irradiante*, deve admitir-se que em tórno de cada ser vivo se forma uma *atmosfera vital*, de uma tonalidade própria e característica de cada indivíduo. Esta atmosfera *envolve-o, penetra-lhe o organismo, acompanha-o* em todos os seus actos, como a atmosfera terrestre acompanha a Terra em todos os seus movimentos.

Admitida assim esta *atmosfera vital*, acham já satisfatória explicação diversos fenómenos curiosíssimos que por outra forma a não tinham. Estão nêste caso — a *simpatia* a *antipatia*, o *amor*, a *indiferença*, etc.

\*

\*      \*

Duas pessoas que se encontram pela primeira vez *trocam mútuamente*, sem disso terem consciência, as suas *radiações vitais*; se essas radiações *se atraem*, temos a *simpatia*, a *amizade*, o *amor*, conforme a sua intensidade e o sexo das pessoas. Se se duas radiações *se repelem*, temos a *antipatia*, a *aversão*, o *ódio*.

Se as radiações se cruzam sem haver entre



elas atracção nem repulsão temos a *indiferença*.

Quantas vezes nos succede vir-nos súbitamente à mente a lembrança de um indivíduo, e quási no mesmo instante acontece passar êle junto de nós?

Quem é que não *pressentiu* alguma vez a chegada de um ausente, em ocasião que ninguém o espera; e êle aparece de facto? O que são, e como se podem explicar os *pressentimentos*, as *intuições*?

Segundo a teoria de Dal Pozzo, a explicação é fácil.

É que a nossa atmosfera vital *sentiu* as radiações dessa outra pessoa muito antes que os nossos olhos a pudessem ver.

E deve notar-se que estes fenómenos costumam dar-se com pessoas a quem nos ligam laços de amizade ou de sangue; e por isso as duas atmosferas vitais, costumadas já anteriormente a vibrar unissonas, ressentem a *sensação de presença* ao experimentar de novo as mesmas vibrações, fazendo assim despertar na nossa mente a idea ou o nome da pessoa que se aproxima.

Fixemos pois bem estes dois pontos capitais da teoria de Dal Pozzo — **normalmente** uma atmosfera vital irradiante envolvendo cada ser animado: — **anormalmente** projecção voluntária dessa atmosfera sôbre um determinado individuo mediante a fôrça da vontade.







### III

## Alucinações telepáticas

Define-se geralmente a alucinação como sendo *a percepção duma imagem ou som illusório* que só existe na imaginação do alucinado, não havendo por tanto *objecto real* que a produza.

Nós definiremos a alucinação dizendo que é — *a percepção sensória, sem objecto físico que a faça nascer.*

Há alucinações de todos os sentidos, porém as mais freqüentes são as da vista e do ouvido.

Modernamente dividem-se as alucinações em dois grandes grupos — *patológicas e telepáticas.* As primeiras, tendo a sua origem num desarranjo mental intermitente ou permanente, constituem um *estado mórbido*, com o qual nada temos que ver. As segundas, porém, dando-se em indivíduos, cujo cérebro funciona normalmente, constituem *meros accidentes transitórios*, que nos oferecem um vastíssimo campo para investiga-



ções psicológicas. O seu estudo pertence exclusivamente ao psicólogo.

Distinguem-se as alucinações patológicas das telepáticas por várias características, sendo as principais as seguintes:

1.º As alucinações *patológicas*, resultando de um desarranjo cerebral mais ou menos persistente, repetem-se amiudadas vezes no mesmo indivíduo:—enquanto que as *telepáticas*, oriundas numa impressão de momento, dão-se só em indivíduos, cujo cérebro *funciona normalmente*; e por isso é raro que uma mesma pessoa tenha tido em toda a sua vida mais de uma alucinação desta espécie.

2.º As alucinações patológicas, sendo meramente subjectivas, não podem afectar simultaneamente mais do que uma pessoa; enquanto que as telepáticas, sendo de natureza subjectivo-objectiva, podem, embora excepcionalmente, ser simultaneamente experimentadas por dois ou mais indivíduos.

3.º As patológicas são duradouras, e não coincidem com fenómeno algum do mundo externo; enquanto que as telepáticas duram apenas alguns segundos, e coincidem sempre com um fenómeno do mundo externo, que é a sua *causa ocasional*.

Diz-se geralmente, mas sem fundamento, que as alucinações dos indivíduos normais teem



por causa determinante — uma grande fadiga, uma digestão difícil, ou uma sobre-excitação mórbida. É um erro crasso: os snrs. Gurney, Myers e Podmore, que no seu interessante livro **Phantasms of the living**, coleccionaram com um improbo trabalho 489 casos de alucinações telepáticas, visuais e auditivas, verificaram que de entre todas elas apenas 24 se deram em indivíduos que nessa ocasião se achavam adoentados, em síncope ou sob a influência de anestésicos.

Um grande número de indivíduos, em quem se deram fenómenos desta natureza, declaram categoricamente que, quando se deram os fenómenos que narram, era exactamente quando gozavam da mais completa saúde e o seu espírito se achava mais despreocupado, e quando nem sequer lhes vinham à mente os nomes das pessoas cujas aparições testificam.

É que, como é fácil demonstrar, as alucinações telepáticas são produzidas *pela projecção enérgica da vontade*, ou desejo intensíssimo de uma pessoa; vontade ou desejo que, transmitindo-se através do espaço, vai determinar num outro individuo uma percepção visual, auditiva ou táctil, a que se dá o nome de *alucinação verídica*, por isso que a sua causa determinante é um *ser* ou *facto real*, embora longínquo.

Quem tiver detidamente estudado o assunto, reconhece que a *transmissão do pensamento e*



*vontade* é um facto demonstrado pela observação e pela experiência.

Há, porém, espíritos tão cegos pelos preconceitos de escola, que lhes custa imenso render-se à evidência, julgando por isso *insuficiente* a prova já aduzida da transmissão do pensamento sem contacto, ou telepatia. É a êsses que especialmente se destina êste capítulo, onde acharão o suplemento de prova que podem desejar.

E se isto ainda fôr pouco, então recomendamos-lhes a leitura atenta das **Hallucinations Télépathiques**, tradução resumida da grande obra de Gurney, Myers e Podmore, que se intitula **Phantasms of the living**. É dêsse livro moderníssimo, escrito e compilado sob um plano rigorosamente científico, que nós vamos extrair diversos casos de telepatia, *reduzindo* a narrativa de alguns e apresentando textualmente as narrativas mais curtas.

A telepatia, apesar de ser uma sciência nascente, conta já hoje entre os seus adeptos nomes de primeira grandeza, tais como Charles Richet, lente da faculdade de medicina, Dal Pozzo, lente da Universidade de Peruggia, Lombroso, o mais célebre antropólogo dos tempos modernos, os drs. Ochorowicz e Otero Acebedo, entre muitos outros que fôra prolixo citar.

Charles Richet, prefaciando a tradução francesa dos *Phantasms of the living*, é bastante



claro, e fala com o maior desassombro, dizendo o seguinte:

.....  
«—Sim! a nossa sciência é demasiado nova para ter o direito de ser absoluta nas suas negações; é absurdo dizer:— «Nós não iremos mais longe. Isso são factos que o homem nunca explicará. Êsses fenómenos são absurdos, e não se deve tentar compreendê-los, porque ultrapassam o limite dos nossos conhecimentos.» — Falar assim é limitarmo-nos ao pequeno número das leis já estabelecidas e dos factos já conhecidos; é condenarmo-nos à inacção; é negar o progresso e recusarmo-nos de antemão a uma dessas descobertas fundamentais, que, abrindo uma via desconhecida, criam um mundo novo, é finalmente preferir a rotina ao progresso».

.....  
E mais abaixo acrescenta:

— «Reverencia-se a sciência, presta-se-lhe, não sem razão, as maiores honras; mas não lhe permitem que se afaste do caminho batido, do sulco aberto pelos mestres, de forma que uma verdade nova corre o grave risco de ser tratada de anti-científica.

«E entretanto há verdades novas, e por estranhas que pareçam à nossa rotina, é indubitável que serão um dia scientificamente demonstradas.



«É mil vezes certo que passamos, sem os ver, ao lado de fenómenos deslumbrantes, mas que não sabemos nem observar nem provocar.

«As alucinações verídicas, que são o principal objecto dêste livro, entram provávelmente nêstes fenómenos; difíceis de ver, porque a nossa atenção não se lhes dedicou ainda suficientemente, e difíceis de admitir, porque temos medo do que é novo, porque a *neofobia* governa as civilizações antigas e brilhantes, e porque não queremos ser incomodados na nossa beatífica quietude por uma revolução científica, que perturbaria as ideias banais e os dados oficiais.

.....

«Todavia, muitas observações referidas nêste livro são tão satisfatórias e completas, que é difícil não nos sentirmos abalados por provas tão frisantes.

.....

«E' a primeira vez que se ousa estudar *scientíficamente* o dia imediato ao da morte. Mas quem ousará dizer, sem ter lido préviamente êste livro, que isso é uma loucura?» Assim fala Richet.

\*

\*       \*

No intuito de organizarem uma estatística das alucinações telepáticas, os snrs. Gurney,



Myers e Podmore dirigiram pela imprensa um convite genérico aos habitantes do Reino Unido, pedindo que, a bem da sciência, se dignassem dizer-lhes se, durante o período de doze anos, compreendidos de 1874 a 1886, tinham, sim ou não, experimentado a *impressão nítida* de ver um ser humano, ou ser tocado por êle, ou ter ouvido a sua voz, sem que se pudesse atribuir essa impressão a uma causa exterior.

A esta pergunta responderam 5.705 pessoas, em grande parte pertencentes à classe mais ou menos ilustrada. A obra original dêstes distintos investigadores compreende 668 casos de *telepatia espontânea*, porêm a tradução francesa, que é resumida, apenas consigna 153 casos dos mais notáveis e característicos.

\*

\* \*

As alucinações telepáticas dão-se—1.º durante o sono, e então chamam-se *sonhos verídicos*;—2.º entre a vigília e o sonho; 3.º durante a vigília, e são estas as mais interessantes.

Podem ser—*visuais, auditivas, táctis*, ou affectarem simultâneamente *dois sentidos*, o que é mais raro.



E quanto ao número de pessoas affectadas, podem ser *individuais, recíprocas e colectivas*.

A estatística demonstra que o maior número das alucinações telepáticas teem lugar no momento preciso em que o indivíduo cuja forma ou voz se manifesta está moribundo ou em risco iminente de morte.

Há, porêm, exemplos, se bem que mais raros, de uma pessoa *viva* e em *bom estado de saúde* aparecer a outra ou outras, estando o seu corpo verdadeiro num outro local, perto ou distante.

Nêste caso a aparição diz-se *exteriorização do duplo* do indivíduo que se manifesta.

Como observação geral devemos desde já dizer que as aparições de formas humanas, quando se dão num meio iluminado, teem geralmente uma tão completa aparência de vida que são tomadas quási sempre pelo próprio indivíduo, e é só quando se desvanecem sem deixar vestígios, que reconhecemos ser uma pura ilusão. Quando, porêm, a aparição se dá na obscuridade, ela se apresenta como uma imagem diáfana e luminosa, ou com aspecto corpóreo levemente iluminado por uma fosforescência, que a contorna.

Posto isto, passâmos a expor resumidamente os casos mais frisantes que se encontram na citada obra de Gurney.



\*

\* \*

I. O dr. Collyer, Beta Hause 8, Alfa Road, S. Johons Wood, N. W. Londres.

15 de Abril de 1861.

(*Resumo*). No dia três de Janeiro de 1856, o vapor *Alice*, que era comandado por meu irmão José, abalroou com um outro vapor, o *Mississipi*.

Com o choque o mastro do pavilhão caiu com violência, fendendo o crânio a meu irmão, que teve morte instantânea.

Em outubro do ano imediato fui à América, a casa de meu pai, em Camdem, New-Jersey, onde se falou da morte de meu irmão.

Minha mãe então contou-me que, no momento em que êle morrera, vira meu irmão no quarto dela. A distância entre Camdem e o ponto onde se deu o abalroamento é de mil milhas me linha recta.

O dr. Collyer cita em seguida uma carta de sua mãe, em que esta lhe diz o seguinte:

(*Resumo*)—No dia 3 de Janeiro de 1856, es-



tando alguma cousa incomodada, assentei-me na cama; e como olhasse em tórno do quarto, vi, com pasmo, José, de pé junto da porta, fixando em mim olhos tristes. Tinha a cabeça cingida com ligaduras; um barrete de dormir sujo, e um fato branco, também sujo.

No dia seguinte narrei a aparição a meu marido e às minhas quatro filhas, dizendo-lhes que havíamos de receber más notícias de José.

De facto a 16 de Janeiro recebeu-se notícia minuciosa da morte d'êlé, verificando-se que estava vestido dessa maneira, e morrera nessa noite à hora em que fôra visto, atendendo à diferença de hora dos dois lugares, visto haver 15 graus de longitude entre êles, o que corresponde a uma hora de diferença.—Esta narrativa é confirmada por uma das filhas, única que ainda vive. O dr. Collyer, *que se declara materialista*, attribúi o fenómeno a um *laço simpático*, que devia existir entre mãe e filho.

\*

\*      \*

## II. O Bispo de Carlisle.

(*Textual*).—O meu correspondente, estudante de Cambridge, tinha combinado, há alguns



anos com um de seus condiscípulos o encontrarem-se em certa época em Cambridge, para trabalharem de comum acôrdo.

Pouco tempo antes da época combinada, achava-se o meu correspondente no sul da Inglaterra. Acordando de noite, viu ou julgou ver o seu amigo, sentado aos pés da cama e com as roupas encharcadas.

O meu correspondente dirigiu-lhe a palavra, mas a aparição (pois parece que o era) contentou-se em abanar a cabeça e desapareceu, voltando, porém, nessa noite mais duas vezes.

Poucos dias depois chegou a notícia de que o amigo do meu correspondente morrera afogado no próprio momento em que o joven estudante o vira no seu quarto.

Tendo sabido depois que o correspondente do bispo de Carlisle era o arcediogo G. P. Farles, os snrs. Gurney e Myers escreveram-lhe, pedindo informações. O snr. Farles respondeu-lhes o seguinte:

Pampisford Vicarage, Cambridge.

*(Textual)*. — A visão foi contada na manhã seguinte ao almôço, muitos dias antes de se receber notícia da morte do meu amigo. Conteí-a ao meu professor John Kempe, a sua mulher e família. O snr. Kempe e sua mulher já morreram, mas é possível que os filhos se recordem, se bem que fôsem então muito novos.



Tornei ainda a ver a visão 14 dias mais tarde, sendo a 1.<sup>a</sup> no dia dois de Setembro de 1868.

É a única aparição que tive na minha vida.

*G. P. Farles.*

Um dos filhos do professor Kempe recorda-se do snr. Farles ter narrado a visão no dia imediato diante da família.

No registo dos óbitos achou-se que com efeito o amigo do narrador morrera afogado na ribeira Orouch no dia 2 de Setembro de 1868.

\*

\*      \*

### III. O Tenente-general Albert Fytche C. S. I.

*(Textual)* — Um incidente extraordinário, que fez na minha imaginação uma impressão profunda, deu-se quando eu estava em Maulmain.

Vi um fantasma, vi-o com os meus próprios olhos e em plena luz do dia. Posso declará-lo sob juramento.



Vivera outrora na maior intimidade com um velho condiscípulo, que fôra depois meu amigo na Universidade. Havia, porém, muitos anos que não nos víamos. Uma manhã, quando me levantava e vestia, entrou súbitamente no meu quarto o meu velho amigo.

Acolhi-o calorosamente e disse-lhe que pedisse para lhe trazerem uma chávena de chá para a varanda; mas, quando lá cheguei, não encontrei ninguém.

Não podia acreditar os meus próprios olhos.

Chamei a sentinela postada em frente da casa, mas ela não vira entrar nessa manhã pessoa alguma estranha. Os criados fizeram-me igual declaração. E todavia eu tinha a certeza de ter visto o meu amigo. Apesar de não pensar nêle nessa ocasião, não fiquei contudo surpreendido com a sua chegada, porque a miúdo chegavam a Maulmain vapores e outros navios.

Quinze dias mais tarde soube que o meu amigo morrera a 600 milhas de distância e aproximadamente no momento em que eu o vira em Maulmain.



\*

\* \*

IV. M.<sup>me</sup> Taunton, Brook Vale, Witton, Birmingham,

15 de Janeiro de 1884.

*(Textual)*—Na noite de 14 de Novembro de 1867, assistindo com meu marido a um concêrto em Birmingham, resenti o calefrio que acompanha as alucinações.

Então vi mui distintamente entre mim e a orquestra meu tio W..., deitado numa cama, parecendo chamar-me como fazem os moribundos.

Havia meses que não ouvira falar dêle, e não tinha motivos para supor que estivesse doente. A aparição nem era transparente nem vaporosa, antes parecia um corpo verdadeiro, pois que eu *não podia ver a parte da orquestra que ficava por detrás da aparição*. Não tentei desviar os olhos para ver se a visão se deslocava com êles; mas antes fitei-a como fascinada, por forma tal que meu marido me perguntou se eu estava doente. Pedi-lhe que não me falasse durante uns dois minutos. Pouco a pouco a visão desapareceu; e, terminado o concêrto, disse a meu marido



o que tinha visto. Poucos dias depois recebemos uma carta annunciando-nos a morte de meu tio, sucedida no mesmo dia e hora em que teve lugar a aparição.

*E. F. Taunton.*

(assinatura do marido)

*Richard Taunton*

\*

\*

\*

Bastam êstes quatro casos para dar uma ideia perfeita do que são as alucinações telepáticas *visuais*: porque a qualidade e illustração das pessoas que falam não deixam dúvida sôbre a sua sinceridade.

Agora vamos citar alguns casos de alucinações, que affectam ao mesmo tempo *a vista e o ouvido*.

\*

\*

\*

V.—M. J. A. Symonds, historiador bem conhecido.

Davos, 1882.

(*Textual*)—Era eu então rapaz ainda, aluno da sexta classe no colégio de Harroso, e como



era o *primeiro* da aula de M. Rendall, tinha um quarto privativamente meu. Era durante o estio do ano de 1858.

Acabava eu de acordar, ao romper do dia, e estendia já a mão para agarrar os meus livros, que estavam numa cadeira entre a cama e a janela, quando senti como que necessidade de virar a cabeça para o outro lado, e nêsse momento vi, entre mim e a porta, o dr. Macleane, vestido com o trajo negro de um *clergyman*. Êle inclinou ligeiramente o rosto pálido para o meu lado, e disse:— «Vou partir para uma longa viagem, velai por meu filho».

Enquanto eu estava olhando para êle, vi, súbitamente a porta no lugar onde tinha estado o dr. Macleane. Ora o dr. morreu nessa mesma noute em Clifton, mas não posso indicar a hora exacta da sua morte. Meu pai, que era seu amigo íntimo, achava-se junto dêle. Eu ignorava que êle estivesse mais doente do que o costume; pois que êle sofria de uma doença crónica.

*John Addington Symonds.*

Os snrs. Gurney e Myers souberam depois pelo filho do falecido que seu pai falecera em Clifton em 14 de Maio de 1858, às 6 horas menos um quarto da manhã.



\*

\* \*

VI. M.<sup>ele</sup> Hosmer, escultora célebre.

(*Resumo*). — Tive ao meu serviço durante algum tempo uma rapariga italiana de nome Rosa, mas teve de voltar para sua casa, atento o seu estado de saúde. Fui vê-la várias vezes durante a sua doença; e, conquanto não tivesse esperança na sua cura, a última vez que a vi, achei-a mais alegre, e nada fazia presumir um fim próximo.

Deitei-me com boa saúde e com o espírito tranqüilo.

Mais tarde despertei de um sono profundo, com o sentimento penoso de que *alguém estava no meu quarto*. Contudo as portas estavam fechadas à chave.

Distinguia vagamente todos os móveis do quarto.

— «Quem está aí? exclamei.

Não tive resposta. O relógio do quarto imediato bateu cinco horas.

Então vi a forma de Rosa em pé, ao lado da minha cama: e por uma forma qualquer (pois



não posso afirmar que fôsse por meio da palavra), recebi a impressão das palavras seguintes, como vindas dela: — *Adesso son felice, son contenta.* (agora sou feliz, estou contente). Em seguida a forma evaporou-se.

No dia seguinte ao almoço disse a uma amiga que vivia na mesma casa: — «Rosa morreu»: e contei-lhe a visão que tivera. E, como ela gracejasse, dizendo que eu sonhara, quando eu estava bem certa do contrário, mandei um mensageiro a saber do estado de Rosa. Voltou dizendo que ela tinha morrido, nessa manhã às 5 horas.

*H. G. Hosmer.*

\*

\* \*

VII. Emma Burger, criada durante seis anos do dr. Charles Richet, era pessoa de sua inteira confiança.

É o próprio dr. Richet quem narra por escrito o seguinte:

Março de 1886.

(*Resumo*) — Emma Burger, de 24 anos, tinha ajustado o seu casamento com Carlos B.



Emma partira no 1.º de Agôsto para Ussel (Corrèze) para casa de Madame d'Ussel, onde vivia como criada grave.

Emma não tinha cuidado algum na saúde do seu noivo, que era aparentemente excelente.

No dia 7 ou 8 de Agôsto, Emma recebeu carta dêle, dizendo-lhe que negócios de família o obrigavam a deixar Paris, e passar alguns dias nos Ardennes.

A 15 de Agôsto, dia da Assunção de Nossa Senhora, Emma Burger, posto que não fôsse devota, sentiu-se atacada de tristeza, e chorou bastante durante a festa da Virgem. Nessa noite, como de costume, Emma dormiu no gabinete de toilette contiguo ao quarto de M.<sup>me</sup> d'Ussel.

Ao lado da sua cama ficava a porta de uma escada de serviço interno, que ficava encoberta com os cortinados da cama, sendo preciso, a quem estivesse deitado, erguer as cortinas para ver quem entrasse por essa porta da escada.

Eis agora como Emma narra o sucedido:

(*Resumo*) — Eram 11 e meia horas da noite, estava eu já deitada, conquanto as outras criadas o não estivessem ainda, pois se ouvia bem o ruído que faziam na casa.

M.<sup>me</sup> d'Ussel estava deitada no quarto immediato com a porta de comunicação aberta. Ouvi então um ligeiro ruído na porta da escada particular que se abria. Ajoelhei na cama para levan-



tar o cortinado e dizer a quem entrava que não fizesse ruído, pois M.<sup>me</sup> estava já deitada.

Foi então que eu vi distintamente o meu noivo, de pé, com o chapéu e bengala na mão direita, segurando com a esquerda a porta entreaberta.

Foi tal a minha surprêsa que nem reflecti sôbre se a luz da lamparina seria sufficiente para explicar a nitidez com que apercebia todas as suas feições e as minudências do seu traje.

Estava risonho e olhava-me sem proferir palavra.

Então eu disse-lhe com severidade:— «Que vens fazer aqui? M.<sup>me</sup> d'Ussel está ali. Vai-te!»

E como êle nada dissesse:— Mas... que me queres? vai-te! vai-te!

Então, êle, sorrindo serenamente, disse-me:— «Parto para uma viagem, venho dizer-te adeus!»

Então M.<sup>me</sup> d'Ussel, que ainda não dormia, ouvindo-me falar em voz alta:— «Que tens, Emma, sonhas?» Ao que respondi passados instantes depois de Carlos se haver retirado, fechando a porta:— Sim, Madame, tive um pesadelo.

Eu, porêm, estava bem disposta e crente de que não era uma imagem vã o que eu vira, mas o meu noivo em carne e ôsso, e por isso dormi descansada.